

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 15 a 21 de abril de 1960

Nº 39

Diretor — Mário Alves

Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr.

Gerente — Gutemberg Cavalcanti

Prestes Apresenta
o Projeto de Estatutos
do Partido Comunista

Leia no Tablóide que acompanha esta edição

Trustes reafirmam "JÂNIO É NOSSO HOMEM"

JÂNIO tem procurado explorar ao máximo os sentimentos de simpatia de nosso povo pela revolução cubana. Foi à terra de Fidel Castro e voltou dando verdadeiros «shows». E a equipe, que o acompanhava, de repórteres dos jornais engajados na sua campanha afina no mesmo diapasão, apesar de um ou outro não esquecer de fazer suas perfidiazinhas.

Não há dúvida de que tudo isso também tem seu lado positivo. Para fazer seu jogo, Jânio é forçado a dizer muitas verdades sobre Cuba, o que necessariamente reverte em reforçamento da luta ant imperialista do povo cubano. Mas, por outro lado, também é certo que o jogo de cartas marcadas do candidato entreguista foi descoberto mesmo antes do início. E se qualquer dúvida existisse, aí estão órgãos dos trustes, como «Time», «Hanson's Letter», dando os pontos ao II, mostrando que Jânio, «candidato francamente da direita», continua a ser o «our boy» dos imperialistas. Foi a Cuba apenas à cata de votos. (Reportagem na 3ª página).

LARRAZABAL (DERRUBOU JIMENEZ): APOIEMOS CUBA

Os povos da América Latina devem dar seu apoio à revolução cubana, disse o contra-almirante Wolfgang Larrazabal à reportagem de NOVOS RUMOS. Larrazabal foi o presidente da Junta Militar que derrubou a ditadura de Perez Jimenez na Venezuela, em 1958, e é atualmente embaixador de seu país no Chile. Em visita ao Brasil, o líder democrático venezuelano, amigo pessoal de Fidel Castro, afirmou sua convicção de que o Governo revolucionário cubano é apoiado pela maioria de seu povo e defende integralmente os interesses econômicos de Cuba, daí a razão de ser defendido por todos os latino-americanos. Leia a entrevista do contra-almirante Larrazabal na 7ª página do 1º caderno.

ESTA EDIÇÃO

circula com 2 cadernos (14 páginas) e um Tablóide especial (24 páginas), que não podem ser vendidos separadamente. No Tablóide são publicados os textos das TESES PARA DISCUSSÃO e do PROJETO DE ESTATUTOS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.



Convenção da Unidade

Vai Faltar Carne: Frigoríficos Querem Dinheiro do Governo

Reportagem na 4ª pág. do 1º caderno

COM a presença do vice-presidente da República, sr. João Goulart, foi encerrada solenemente, na última segunda-feira, no Palácio do Metalúrgico, a III Convenção Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal. O conclave passou em revista os problemas das massas laboriosas, e formulou a sua posição em face dos problemas nacionais e da mudança da Capital para Brasília. Refletindo o desejo de unidade dos trabalhadores cariocas, foi constituída e empossada pelo sr. João Goulart a Comissão Permanente das Organizações Sindicais do D.F. Na foto, um aspecto da delegação dos metalúrgicos, uma das mais numerosas. Reportagem na 8ª página.



Garotas na Praça Vermelha

Leia reportagem gratuita na 4ª página do 2º caderno sobre a «bossa nova» da moda soviética

Lott e os Comunistas

MÁRIO ALVES

CERTAS declarações do marechal Lott contra a União Soviética, a revolução cubana e o comunismo despertam inquietação em setores nacionalistas e círculos de esquerda. Inquietação tanto mais compreensível quando, precisamente agora, o sr. Jânio Quadros corteja as forças populares, tenta capitalizar para si a enorme simpatia do povo brasileiro pela causa de Cuba e faz proposições avançadas no terreno da política externa.

RECONHECEMOS que essa inquietação é legítima e que tal contraste de atitudes demanda uma posição crítica em face de algumas definições do candidato nacionalista. Não aceitamos, porém, a idéia de que estes fatos, por si sós, alterem o sentido geral da luta eleitoral e mudem a essência das candidaturas em choque.

EM torno de Lott existem, ao lado de setores nacionalistas radicais e forças de esquerda, grupos reacionários que tentam assumir o patrocínio de sua candidatura e dar-lhe um cunho conservador. Lott, pessoalmente, é portador de alguns preconceitos que entram em conflito aberto com as posições das correntes nacionalistas e populares que o apóiam, e, em particular, dos comunistas. Entretanto, o significado mais profundo de sua candidatura, o sentido principal de sua campanha, não é determinado por esses aspectos negativos, nem pelos preconceitos do candidato.

O FATO irrecusável é que a candidatura Lott se tornou a expressão possível dos anseios de emancipação e progresso do povo brasileiro, no presente grau de desenvolvimento da luta ant imperialista e popular em nosso país. Os nacionalistas radicais, os homens de esquerda, os comunistas, poderíamos dizer que o marechal Lott não é o candidato dos nossos sonhos. Mas é o candidato que a realidade nos indica.

A CANDIDATURA do marechal Lott possibilita uma política nacionalista e democrática mais definida que a de qualquer governo brasileiro, até

hoje. Contrastemos sua atitude firme pelo monopólio estatal do petróleo com a dubiedade do sr. Kubitschek. Consideremos sua disposição reiterada de limitar a remessa de lucros das empresas estrangeiras. Sua ausência de ligações com os grupos econômicos. Sua coerência na defesa da legalidade democrática. Suas manifestações favoráveis aos direitos dos trabalhadores.

DISCORDAMOS da posição do marechal em face da União Soviética, do comunismo e da revolução cubana, mas essa discordância não deve levar-nos a negar apoio ao candidato nacionalista. Consideramos que a questão decisiva, no momento atual, é o conflito entre o imperialismo brasileiro e a situação de dependência ao imperialismo dos Estados Unidos. A candidatura Lott expressa esse conflito de forma mais ou menos clara, embora não encarne ainda, como seria desejável, certas aspirações populares.

NAS suas limitações, a candidatura do marechal Lott reflete o papel preponderante que ainda exercem na frente única forças sociais capazes de opor-se ao imperialismo, em certa medida, e admitir determinadas transformações democráticas, mas incapazes de realizar uma política firmemente ant imperialista e popular, no estilo Fidel Castro. Tal estado de coisas não é, porém, imutável. Os setores radicais da coligação nacionalista e democrática, através da pressão de massas, podem e devem combater as vacilações dos setores conciliadores, conquistar um papel decisivo no movimento ant imperialista e conduzi-lo a posições mais firmes e consequentes. O que importa é atuar neste sentido, e não entregar-se a lamúrias, nem condicionar o apoio a Lott a uma espécie de «certificado de garantia» contra atitudes reacionárias que pudessem ser tomadas no futuro.

A EQUIDISTÂNCIA em relação aos candidatos, preconizada ainda por uma minoria de elementos de esquerda, só seria válida se estivessem em presença de duas candidaturas que expressassem

(CONCLUI NA 4ª PAG.)

LIDERES SINDICAIS

Queremos um Palácio em Brasília

O movimento pela construção do Palácio do Trabalhador em Brasília continua empolgando os dirigentes sindicais de todos os ramos de atividade, que se mostram francamente favoráveis à edificação de uma sede única para todas as entidades sindicais de grau superior — Confederações, Federações e Sindicatos Nacionais — que, por força da Consolidação das Leis do Trabalho, terão de se mudar para a nova Capital.

A CONTEC (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito), como noticiamos em reportagem publicada na edição anterior, dirigiu-se ao presidente e vice-presidente da República, ao ministro do Trabalho, ao presidente da NOVACAP, e às organizações sindicais que irão para o Pa-

lácio Geleano, sugerindo a construção do Palácio do Trabalhador na nova Capital.

Opinam os marítimos

— Ainda não nos decidimos quanto a mudança da nossa sede para Brasília — disse-nos o líder Thaumaturgo da Silva Gayo, presidente da Federação Nacional dos Marítimos. Alguns são de acordo que a sede da Federação deve permanecer aqui, onde maior é o movimento marítimo. Esse fato, entretanto, continua o comandante Gayo, não altera o nosso pensamento, que sempre foi favorável a tudo que contribua para a aproximação das entidades sindicais de trabalhadores. Seu pela construção da sede única que,

além de mais econômica, facilitará o incremento das relações fraternais entre as entidades de grau superior. De qualquer modo, concluiu, teremos de manter uma representação na nova Capital e preferimos nos sediar junto com as demais entidades, no Palácio do Trabalhador.

Ferrovários

A Federação Nacional dos Ferrovários, presidida por Rafael Martinelli, aderiu logo à idéia da construção do Palácio do Trabalhador em Brasília. Martinelli, que nestes últimos meses vem se salientando como o líder máximo dos ferroviários sindicalizados, declarou à reportagem que nada justifica a construção de sedes isoladas para as Confederações, Federações e Sindicatos Nacionais em Brasília, quando vêm se observando em todo o país a tendência de sediar-se em todas as entidades sindicais. Na Amazônia — acrescentou — temos a Casa do Trabalhador, que abriga todos os sindicatos de Manaus. Aqui mesmo, nesta Capital, vimos sediados no mesmo edifício a Federação Nacional dos Marítimos, o Sindicato Nacional dos Marinheiros, o Sindicato dos Tálfeiros e Culinários, e o dos Alfaiates e Marceneiros, que mantêm as melhores relações entre si.

Aeroviários

— Porque será mais econômico, e não apenas por isso, mas porque permitirá um melhor intercâmbio entre as entidades co-irmãs, devendo constituir ainda um ponto de encontro de todas as delegações sindicais que se dirigem à Brasília, é que sou pela construção de uma sede única para as entidades sindicais na nova Capital, declarou à reportagem Othon Canedo Lopes, presidente do Sindicato Nacional dos Aeroviários. Manifestou, ainda, o líder dos aeroviários a sua opinião favorável a que o edifício do Ministério do Trabalho, situado no Distrito Federal, passe a constituir o Palácio do Trabalhador Carioca.

Comerciários

— Não tive oportunidade ainda de examinar a sugestão da CONTEC sobre a construção do Palácio do Trabalhador em Brasília, mas a idéia, em princípio, parece-me magnífica. Declarou o conhecido dirigente sindical Luis Augusto de França, tesoureiro da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio.

Mineiros a favor

— Os tecelões mineiros são favoráveis à construção de uma sede única para todas as entidades sindicais na futura Capital Federal. Disse-nos o jovem Sivaldo Bambira, presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Minas Gerais. Bambira concluiu suas declarações afirmando que esse é o pensamento da maioria dos líderes dos trabalhadores na indústria.

NOVO LIVRO DE FILOSOFIA MARXISTA

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO FORMALISMO E DAS CONTRADIÇÕES por Álvaro de Faria

Nesta obra o autor se propõe a dar uma solução à questão que segundo o «Kommunist», órgão do Comitê Central do PCUS, é a tarefa fundamental da filosofia marxista de nossos dias: a de encontrar a unidade da dialética, da teoria do conhecimento e da lógica.

1 volume, brochura, com 410 páginas. Cr\$ 180,00

Livraria das Bandeiras Ltda. Rua Riachuelo, 312 — Loja 2 Telefone: 36-4871 — S. Paulo. Atendemos pelo Reembolso Postal.



Convenção aprovou 1º de Maio

A III Convenção Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal aprovou um plano de comemorações do Dia Primeiro de Maio, estabelecendo o seguinte: 1) promover, a partir do dia 15 de abril, a divulgação, estudos e debates das resoluções da III Convenção, levando-as aos locais de trabalho; 2) realizar um grande ato público no dia 30 de abril, à noite, com a participação de todas as entidades sindicais. No ato será empoesada solenemente a CPOS

(Comissão Permanente das Organizações Sindicais); 3) editor, durante a quinzena, os jornais sindicais, dedicando-os à divulgação das resoluções da III Convenção e às comemorações do Dia 1º de Maio; 4) promover, no dia 1º de Maio, comemorações em todas as organizações sindicais e enviar saudações a todas as entidades sindicais de outros países; 5) encarregar a CPOS de coordenar os trabalhos de comemoração do 1º de Maio.

Os Aeronautas e a Promessa de JK

O pessoal do Grupo de Vão da Cruzeiro do Sul, após uma greve de 26 dias, reclamando o cumprimento da portaria interministerial que regulamentou a profissão de aeronauta, resolveu voltar ao trabalho. E resolveu porque a empresa, considerando a portaria ilegal, impetrou mandado de segurança contra a sua execução. O juiz Cândido Lobo, do Tribunal Federal de Recursos, concedeu a medida liminarmente.

por força da decisão judicial, os aeronautas, embora sob protestos, resolveram voltar ao trabalho, uma vez que a regulamentação, provisoriamente, deixara de existir.

Mas a Cruzeiro do Sul, que já vinha sentindo as costas quentes, apoiada ostensivamente ou veladamente pelas próprias autoridades que haviam assinado a portaria, inclusive o ministro da Aeronáutica, resolveu golpear mais uma vez os aeronautas, dispensando

130 grevistas, muitos dos quais com mais de 20 anos de casa.

O fato mais grave de tudo isso é a revelação do poderio quase ilimitado da Cruzeiro do Sul. Pois, essa empresa relapsa, que vive às custas das cofres da nação, e que deve mais de 400 milhões de cruzeiros a CAFESP, zombou da própria palavra do presidente da República que, num encontro com os dirigentes do Sindicato dos Aeronautas, assegurou que os grevistas poderiam voltar tranquilos ao trabalho, porque nenhum deles seria punido. Mais ainda, o presidente Kubitschek asseverou que o Governo dispunha de meios para que ele, J.K., prometia aos grevistas.

Depois de tudo isso, os grevistas continuam na rua, esperando ainda que o presidente Kubitschek cumpra a sua promessa. Por outro lado, quanto a regulamentação da profissão, os aeronautas não consideram a batalha perdida, e continuarão lutando para manter a dignidade da corporação. Uma coisa, porém, eles aprenderam — Promessa, nem de J. K.

Palestras Sobre Problemas Nacionais

Sob o patrocínio do Centro de Estudos e Defesa do Pátrio e do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro, será realizada uma série de palestras sobre problemas nacionais. A primeira delas terá lugar no próximo dia 19, terça-feira, às 18 horas, no Auditório do Sindicato dos Professores, na Avenida 13 de Maio, 13, 4 andar, sala 402, e será proferida pelo sr. Roland Corbisier, diretor do ISEB. As palestras a seguir, cujos temas serão anun-

ciados oportunamente, realizar-se-ão igualmente às terças-feiras, à mesma hora e local da primeira.

Defende Teu Direito

Consulta de Manuel Alves de Oliveira

... na casa em que trabalho há cinco anos, o pagamento é feito na oficina... queria saber se posso exigir o pagamento no local de serviço?

A Consolidação das Leis do Trabalho (art. 465), diz que «O pagamento dos salários será efetuado em dia útil e no local do trabalho, dentro do horário de serviço ou imediatamente após o encerramento deste».

O dispositivo está presente em leis trabalhistas de outros países como por exemplo o Código de Trabalho da França (art. 45 do livro I) e na lei mexicana (art. 23 n.º X). Os legisladores estrangeiros visavam, principalmente, com a adoção da medida, completar a proibição legal do chamado «truck-system» (pagamento do salário em utilidades), e impedir que o operário malbaratasse o salário com prejuízo do orçamento doméstico, se o seu pagamento fosse efetuado em armazéns, cantinas, boateiros, etc.

Outras leis, como por exemplo a brasileira e a argentina, têm, entretanto, uma compreensão mais larga do problema. O que se visa em última análise, é que o trabalhador seja pago por seus serviços, em moeda corrente, e desembaraçado de qualquer ônus.

Orlando Gomes, ilustre tratadista, ao comentar este artigo da Consolidação das Leis do Trabalho, observa que: «Determinando local, dia e momento do pagamento do salário, o propósito principal foi, como vimos, o de impedir os atos do empregador ao dificultar o pagamento do salário, obrigando o trabalhador a efetuar despesas ou a manter-se por mais tempo à disposição da empresa ou pelo menos com redução do seu tempo livre».

O que visa a lei brasileira, portanto, é impedir que o trabalhador fique à disposição do empregador além do tempo destinado para a jornada de trabalho e que não seja onerado com despesas de transporte, caso o local de pagamento seja distante do local de trabalho.

Este é, em linhas gerais, o objetivo da lei. Assim, se o pagamento não é feito no local de trabalho, se o operário para receber salário gasta tempo ou dinheiro, tem razão para reclamar e exigir o cumprimento da lei.

... jamais goze férias. Se as recebe em dinheiro, há tantas outras coisas vendidas. Poderá gozalas a qualquer momento ou terá de esperar que o patrão nos avise?

De acordo com o artigo 131 da Consolidação das Leis do Trabalho, «As férias serão sempre gozadas no decorrer dos doze meses seguintes à data em que as mesmas tiver o empregado feito jus».

Assim, cumprido o artigo 130 («O direito a férias é adquirido após cada período de doze meses de vigência do contrato de trabalho»), o patrão tem um ano para determinar que o empregado se afaste do serviço, em gozo de férias. Se não o faz, é obrigado a pagar as férias em dobro (art. 143 § único).

O empregado não pode, pois, suspender, quando quiser, a prestação de serviços, para entrar em gozo de férias. Deverá esperar que o empregador «no decorrer dos doze meses seguintes» determine o momento. O empregado pode recusar o pagamento das férias em dinheiro, alegando que pretende gozalas. E, se no decorrer dos doze meses seguintes, não as gozou, o único que pode fazer, de acordo com o art. 143 parágrafo único da Consolidação das Leis do Trabalho, é exigir o pagamento em dobro.

Se o consulente tem férias vencidas há mais de doze meses poderá, na justiça do trabalho, pedir sejam pagas dobradas, caso o empregador não quiser pagá-las voluntariamente.



Thaumaturgo da Silva Gayo, presidente da Federação Nacional dos Marítimos, é favorável a construção do Palácio do Trabalhador em Brasília. A delegação de marítimos à Convenção aprovou noção de apoio à iniciativa da CONTEC.

Marítimos aderiram

Nota Sindical

Ferrovários Não Fecharão Seus Sindicatos

A emenda 16 ao Plano de Classificação do Funcionalismo, já aprovada no Senado, estabelece que «serão classificados na qualidade de funcionários todos os servidores da Estrada de Ferro Santos à Jundiá e da Estrada de Ferro Leopoldina, ao tempo da encampação pela União, e os admitidos até a entrega das ferrovias à Rede Ferroviária Federal S. A.»

Essa emenda satisfaz o desejo de muitos ferroviários, os quais, ao que se sabe, lutaram pela sua aprovação. Mas, por outro lado, ela encerra uma grave ameaça à organização dos trabalhadores daquelas duas empresas.

Os sindicatos, órgãos tradicionais de defesa das reivindicações dos trabalhadores, estariam ameaçados de desaparecer. Os ferroviários, passando à condição de servidores do Estado, não teriam mais o direito de sindicalização. E é aí, aliás, que está o rabo do gato.

Desse modo, se ocorrer a aprovação da referida emenda, dever-se-á abrir, imediatamente, uma nova frente de luta para os ferroviários da Leopoldina e da Santos-Jundiá — a luta em defesa dos seus sindicatos, que constituem uma das suas mais caras conquistas. Conquista feita com muito esforço, com sacrifício mesmo de algumas vidas, e que hoje se consubstancia na organização de duas poderosas entidades. E através da luta organizada em torno dos seus sindicatos, que os trabalhadores da Leopoldina e da Santos-Jundiá conquistaram uma situação de destaque entre os ferroviários de todo o Brasil, mantendo os seus salários em nível sempre mais elevado do que os dos seus companheiros das outras empresas.

Enquanto isso, amarrados aos dispositivos do Estatuto do Funcionalismo, tanto os servidores da Central do Brasil, como os das demais empresas da União, sentem a sua ação reivindicadora limitada. Daí, apesar de serem funcionários, a situação de miséria em que ainda hoje se encontram. Situação devida, em grande parte, à falta de um seguro instrumento de organização e de luta.

Os trabalhadores sabem, por experiência própria, que não basta ter um direito estabelecido, em lei para que o mesmo seja cumprido. Por saberem disso, é que eles não abrem mão de suas entidades de classe. E por isso que os ferroviários, se passaram à condição de funcionários, não permitirão que se fechem as portas dos seus sindicatos. Como os marítimos, os ferroviários exigirão serem regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho, a fim de que continuem com os seus órgãos sindicais abertos, zelando pelo cumprimento dos seus direitos, e pugnando por novas conquistas.

Quando a CEERG foi encampada pelo Governo gaúcho, falou-se na liquidação do combativo sindicato dos trabalhadores daquela empresa, que passaram empregados do Estado, Mas os operários, defendendo a sua entidade, foram até a greve-geral, deixando Porto Alegre às escuras e sem bondes. O movimento foi vitorioso. Como os gaúchos, os ferroviários da Leopoldina e da Santos-Jundiá saberão também defender o seu sindicato

Nilson Azevedo

Panorama

UDN ou um Partido em Decomposição

ÓRGÃO DOS TRUSTES FALAM DE JÂNIO E SUA VIAGEM A CUBA:

«Time»: Candidato de Direita «Hanson's»: Outro Frondizi

Quando os setores janistas alardeavam que, passado o 3 de abril — e com ele as últimas possibilidades de se tornar viável a fórmula Juraci Magalhães ou Carvalho Pinto — a candidatura de Jânio Quadros se consolidaria em definitivo, eis que essa candidatura e o partido que é o seu principal sustentáculo, a UDN, entram em nova e exasperante crise. A rigor, aliás, não se trata de outra crise, e sim de mais um episódio no processo de crise que vem marcando a UDN ao longo de todos estes anos; e a candidatura Jânio desde o seu próprio lançamento.

O espetáculo que oferece a UDN é o de um partido cuja linha-mestra, refletindo interesses de forças econômicas e sociais agarradas desesperadamente ao que há de mais atrasado na sociedade brasileira, perdeu por completo a atualidade e passou a servir como bandeira — cada dia mais esfarrapada — de reduzidos grupos que, no terreno econômico, se identificam antes de tudo com uma parte da plutocracia paulista e, no terreno político, se entendem em termos de Clube da Lanterna.

Essa inatualidade da UDN se tornou de há muito evidente no tipo de oposição que fazia e faz ao Governo. Não é uma oposição que condene o que há de antinacional e reacionário — e disso há muito — na orientação governista. Ao contrário: é uma oposição que defende uma política ainda mais entre-guista e mais reacionária do que aquela realizada pelo Governo; uma oposição que procura arrastar o país para trás e faz-lo ainda mais dependente tanto dos monopólios imperialistas como dos grupos econômicos mais retrógrados da nação, em especial os grandes produtores e exportadores de café. E isso explica o fato de que a UDN, embora dizendo «oposição» se tenha sempre entendido muito bem com os círculos entreguistas do Governo, com os quais jamais deixou de estar solidária.

O apoio da UDN à candidatura de Jânio Quadros — pelo qual se bateram sobretudo os udenistas de São Paulo, conluídos com o Clube da Lanterna e seu líder, Carlos Lacerda — foi precisamente uma manifestação dessa política retrógrada e ultrapasada. Mas, ao mesmo tempo, foi um passo no sentido de fazer com que viessem à tona, e afinal eclodissem, todas as insuportáveis contradições que amadureciam na UDN, por baixo do palavreado bacharelco de seus líderes e de sua imprensa. Contradições de diversos tipos, umas mais ou menos agudas, inclusive a contradição entre aqueles setores mais obscurantistas — que se opõem pura e simplesmente a todo desenvolvimento — e os setores que se beneficiam do desenvolvimento econômico e pretendem vir a dirigir, em seu próprio proveito, esse processo objetivo e irreversível.

Não seria possível nos limites de uma nota apontar sequer as múltiplas contradições que engolfam e desbaratam a UDN. Mas não é difícil perceber que, entregando-se à candidatura de Jânio Quadros e à «entourage» lacerdista, a UDN escolheu o mais funesto de todos os caminhos: o de colocar a solução dessas contradições na dependência de um grupo que, por sua própria natureza — pelos interesses que defende e pelos objetivos que se propõe — não faz outra política que não seja a da prepotência e do poder pessoal. A UDN decidiu suicidar-se — sem deixar muitos pesares — ao capitular diante do terrorismo de Lacerda e adotar a candidatura de Jânio.

E é a isto que se assiste hoje: à decomposição de um partido que se diz de oposição, mas que nada de positivo faz em favor do povo e do país. E mais: ao espetáculo de uma candidatura essencialmente reacionária, além de antinacional, que não pode subsistir senão através de uma conduta despótica, da liquidação dos partidos e da eliminação de qualquer debate democrático.

Os elementos progressistas da UDN — os que prezam os interesses nacionais e são partidários das franquias democráticas — devem estar afinal convencidos do que representa a candidatura de Jânio Quadros. Os últimos acontecimentos confirmam as advertências feitas tantas vezes: marchar com Jânio é marchar com o que há de mais reacionário, de mais contrário a tudo aquilo por que anseia o povo brasileiro. Ou o que é o mesmo: é marchar para a derrota.

Almir Malos

O Circo Janista

O rompimento do sr. Carlos Lacerda com o presidente da UDN e do Banco Nacional de Minas Gerais, sr. Magalhães Pinto, ameaça o ex-líder da UDN de um verdadeiro desastre econômico, além dos inúmeros desastres que já vem sofrendo. Trata-se de que o trétego deputado udenista deve ao Banco do Sr. Magalhães Pinto nada menos de 17 milhões de cruzeiros, em empréstimos que vêm sendo constantemente reformados. — Agora este canalha vai ver. Será liquidado no partido e estrangulado no Banco.

Esta foi a reação de um dos parlamentares udenistas mais intimamente ligados ao sr. Magalhães Pinto.

-xOx-

O sr. Jânio Quadros iniciou a sua campanha eleitoral no Rio Grande do Sul debaixo d'água. Chovia muito quando o demagogo da vassoura chegou ao aeroporto Salgado Filho. Era reduzido o número de pessoas presentes. Mesmo assim, os mais exaltados exigiram que se fizesse ali mesmo um comício. Alguns dirigentes janistas não queriam concordar, alegando que seria uma temeridade. Outros, porém, insistiam no comício. E, dentre outros argumentos, diziam: — Sabemos muito bem que Jânio está acostumado a falar «na água»...

-xOx-

Embora desde quinta-feira tenha fornecido aos jornais cópias da procuração e do telegrama passados ao presidente da Câmara, deputado Ranieri Bassili, autorizando-o a levantar os depósitos — que ele diz não existirem — feitos em seu nome em bancos suíços, segundo denunciou o deputado Salvador Lossaco, a verdade é que até segunda-feira não haviam chegado à mesa da Câmara nem procuração nem telegrama.

A versão geralmente aceita na Câmara para explicar a demora do envio desses documentos é a seguinte: pilhado em flagrante, Jânio precisava ganhar tempo para, ao mesmo tempo em que mandava a procuração ao presidente da Câmara, enviar instruções aos banqueiros suíços a fim de desmentirem a existência de qualquer depósito e não permitir o seu levantamento.

Cariocas Repelem o Espancador Falcão

A ameaça, partida do Catete, de fazer do sr. Armando Falcão o interventor ou «governador provisório» do Estado da Guanabara provocou veementes protestos em quase todos os setores. A infeliz idéia foi imediatamente repelida, tanto pela população carioca como pelas mais representativas forças políticas do país.

Na Câmara Federal, o vice-presidente Sérgio Magalhães, apresentando um requerimento nesse sentido assinado por 202 deputados, conseguiu levar aquela casa do Congresso à decisão de só entrar em recesso depois de aprovada a lei de organização do Estado da Guanabara — afastando assim virtualmente, o perigo de intervenção.

Contudo, mesmo aprovada a lei, continua a ameaça de ser entregue ao sr. Armando Falcão o «governo provisório» do novo Estado. E contra isso se ergueu também um vigoroso protesto na Câmara. Por sua vez, a III Convenção dos trabalhadores cariocas advertiu o Governo contra a designação do Sr. Armando Falcão, que seria um ato de verdadeira hostilidade à população do futuro Estado.

As forças políticas do atual Distrito Federal pronunciaram-se também em péso contra essa ameaça e exigem que o governante da Guanabara seja um político identificado com essas forças — o que não acontece com o sr. Falcão.

Tribuna de Debate

Em suplemento especial publicamos hoje as TESES PARA DISCUSSÃO e o PROJETO DE ESTATUTOS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Com a publicação desses documentos, inicia-se nas colunas de NOVOS RUMOS um amplo e livre debate, no qual estão chamados a participar todos os comunistas.

Todos os artigos e cartas destinados à discussão devem ser enviados à redação de NOVOS RUMOS — Avenida Rio Branco 257 sala 1712, Rio de Janeiro — e devem conter a indicação — TRIBUNA DE DEBATE.

Graves denúncias foram feitas, ainda, acerca do interesse demonstrado pelo atual ministro da Justiça em ser interventor ou «governador provisório» da Guanabara. Sabe-se que o sr. Falcão está conluído com os exportadores de café, que devem 2 bilhões de cruzeiros à Prefeitura — dívida que não seria cobrada, caso fique em suas mãos o Governo. Outra denúncia é em relação à Light: o sr. Falcão daria um «jeito» para impedir ou retardar a reversão dos bens da Light, que deverão passar para o Governo carioca em dezembro próximo.

O povo carioca, enfim, não aceita o verdadeiro ultraje que seria a presença do sr. Armando Falcão à frente do Estado da Guanabara.

Jango: PSD homologa

Com poucas abstenções, a Convenção extraordinária do PSD homologou, esta semana, a candidatura do sr. João Goulart à vice-presidência da República pelo partido majoritário.

A decisão possedista constitui um passo para a consolidação da aliança firmada entre o PSD e o PTB para levar à vitória, em 3 de outubro, a chapa nacionalista Lott-Jango.

Socialistas apóiam Lott

Por grande margem de votos, e apesar de todas as manobras tentadas pelos janistas de São Paulo, a Convenção Nacional do Partido Socialista decidiu que o partido apoiará a candidatura nacionalista do marechal Teixeira Lott no pleito de outubro.

Não foi decidido pela Convenção o problema da candidatura à vice-presidência, embora a grande maioria dos dirigentes e militantes do PSB sejam partidários da candidatura Jango.

A Convenção do Partido Socialista constituiu uma derrota esmagadora do sr. Jânio Quadros, que atribuiu, grande importância, sobretudo pela sua repercussão em São Paulo, a um eventual apoio dos socialistas à sua candidatura.

«Tem sido geralmente antecipado em Washington que a eleição de (Jânio) Quadros no Brasil daria ao Departamento (de Estado) outro Frondizi, que os excessos de sua campanha eleitoral e mesmo a prova do efeito político de um namorado (Fidel) Castro podiam ser ignorados, em função da fácil mudança prevista, uma vez ganha a eleição, em relação às promessas feitas durante a campanha eleitoral. Mas a eleição realizada na Argentina, esta semana, exige cautela na articulação de quaisquer outras manobras do tipo Frondiz, visando a criar no Brasil outro «nosso homem» (our boy)».

deterioration and policy failures

RELATION TO BRAZILIAN ELECTION APPRAISAL

And for the U.S. the policy decisions go beyond Argentina too. It has generally been anticipated in Washington that the election of Quadros in Brazil would give the Department another Frondizi, that his campaign utterances and even a testing of the political usefulness of a flirtation with Castro could be ignored in anticipation of an easy shift from campaign promises once the election is won. But the Argentine election this week demands caution in the creation of any more 'our boy' arrangements of this kind.

FEUD IN

revives essentially the feud which exiled Ambassador Hill to Mexico.

nos titereis aos latino-americanos, e através deles arrancar concessões políticas e econômicas, sobretudo favoráveis às grandes companhias ianques de petróleo. E daí o conselho para que o Departamento de Estado reflita antes de prosseguir em sua campanha para colocar no Governo brasileiro o «our boy», Jânio Quadros.

Apesar de estar pensando em outra coisa, a «Hanson's» dá, entretanto, sem querer, um elemento valioso e irrefutável para o desmascaramento da candidatura Jânio e, em particular, do caráter vulgarmente manobreiro de sua viagem a Cuba. Por ela se esclarece, de forma definitiva, o espírito com que a excursão foi empreendida, e a maneira pela qual os negociantes ianques que patrocinam a candidatura Jânio enxergam a coisa: alguns se irritaram, pois, afinal de contas, a derrota de Cuba é para eles talvez mais importante que a vitória de Jânio no Brasil, e, conseqüentemente preferem que Jânio perca, a ver completamente desmoralizada no Brasil a campanha preparatória para a intervenção em Cuba: outros, simplesmente, deram um muxó, mas todos estão de acordo em que a candidatura Jânio nada perde por isso em seu caráter de testa-de-ferro entreguista, pois, «uma vez ganha a eleição», será muito fácil a Jânio passar a esponja em suas promessas e posições de campanha eleitoral.

Um que se irritou

Assim, embora comprometido até a garganta com os mandões do imperialismo ianque, Jânio se permite o luxo de sustentar uma pequena contradição com eles: seu interesse exclusivo, hoje, se limita ao Brasil e se resume em lançar mão de tudo o que possa criar qualquer possibilidade de ganhar a eleição, enquanto o interesse de seus financiadores é mais vasto e mais complexo. Mas estes últimos sabem que o candidato que se propusesse publicamente a defender o programa político que têm em mente seria certamente o último dos

esportivo» da «Hanson's Letter» essa pequena contradição de fachada entre Jânio e o imperialismo, sobretudo num momento em que essa contradição se reflete num problema tão sério, para o imperialismo ianque, como é o de Cuba. Um dos que se mostraram mesmo irritados com a coisa foi o «Time». Numa pequena nota, que chega a contrastar com a série de artigos eufóricos e promocionais que vinha dedicando a Jânio, este velho combatente do imperialismo norte-americano chegou na semana passada um tanto amargurado com as aventuras de seu «boy» brasileiro, e fazendo esta confissão:

«Jânio Quadros — disse o «Time» — conservador, excêntrico, mas altamente bem sucedido ex-Governador do rico Estado brasileiro de São Paulo é o elemento mais francamente de direita que disputa a Presidência do Brasil. Dessa forma, somente podemos acreditar que sua visita a Cuba teve a finalidade de tentar conseguir votos dos comunistas, que seriam normalmente dados ao Marechal Henrique Lott, seu adversário.»

Candidato no Brasil

Tanto o «Time» como a «Hanson's» acertaram, mas a opinião pública brasileira não precisa, na verdade, da opinião desses dois arautos do imperialismo para julgar o verdadeiro significado das aventuras eleitorais do sr. Jânio Quadros. O próprio candidato lacerdeiro é quem se encarrega de mostrá-lo. Ele vai a Cuba e se deixa fotografar abraçado com Fidel Castro, pensando que, com isso, apagará a pecha de entreguista que pesa sobre a sua pessoa. Mas, vai só até aí. Quando se trata de aplicar no Brasil as soluções antiimperialistas adotadas em Cuba, é toda uma outra história. O candidato desconversa, sai pela tangente, cala-se.

O exemplo da questão agrária é eloqüente. Em Cuba, o sr. Jânio Quadros não teve papas na língua para dizer que, se eleito, realizaria no Brasil uma reforma agrária similar à cubana». Disse isso em alta voz, à imprensa, e todas as agências

telegráficas transmitiram a notícia. Mal chegando ao Brasil, entretanto, sua conversa mudou completamente. Eis como o «Correio da Manhã» relata a parte de sua entrevista à imprensa no Hotel Glória referente à questão agrária:

«O Sr. Jânio Quadros não soube responder se aplicaria no Brasil, tal e qual, a reforma agrária que está sendo levada a cabo (em Cuba). Limitou-se a dizer que as reformas agrárias variam de

acordo com as peculiaridades de cada país...» e etc. e tal.

Desconversa com a reforma agrária, com a remessa de lucros, com o desenvolvimento independente da indústria nacional; basta que se toque numa questão interna da luta antiimperialista e progressista no Brasil para que ele desconverse. Tudo o que ele deseja é tirar proveito das hesitações e preconceitos do Marechal Lott, nos assuntos de política externa. Mas não vai mais longe do que isso: é nacionalista na URSS, é nacionalista em Cuba, é nacionalista em toda parte, menos no Brasil. No Brasil, ele nada mais é do que o «our boy» dos Rockefeller & Cia.

Jacob Gorender falará sobre Lenin na ABI

«A contribuição de Lenin ao marxismo» será o tema da conferência que o dirigente comunista Jacob Gorender pronunciará no dia 22, às 20 horas, no 9º andar da ABI.

A conferência faz parte de uma série de atos comemorativos do 90º aniversário de nascimento do líder da Revolução Socialista de Outubro, atos que estão sendo preparados por ampla comissão que os patrocinará.

Entre as iniciativas programadas para o Rio de Janeiro, figuram a realização de palestras educativas nos bairros — onde dirigentes comunistas destacarão os aspectos fundamentais do leninismo e assinalarão a atualidade dos ensinamentos de Lenin em relação aos problemas brasileiros — e uma nova edição da importante obra teórica do homenageado, «A doença infantil do esquerdismo no comunismo».

São Paulo e outros centros também estão organizando comemorações para o 22 de abril.

Associando-se às manifestações NOVOS RUMOS dedicará sua próxima edição à memória do fundador do Estado Soviético

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

O esvaziamento está na moda. Tornou-se indispensável na confecção do noticiário político. E hoje um avatamento de que não abrem mão os estuários que orientam a opinião pública. O sr. João Neves, por exemplo, ardia impressionado com o esvaziamento da candidatura Jânio Quadros, perturbando-se mais particularmente em face de uma das conseqüências desse esvaziamento, que é a luta interna da UDN.

Num de seus artigos, que têm graficamente a forma de um tijolo, o sr. João Neves observa, sob a responsabilidade do jornal das Manhãs: «Ver nesta hora a UDN dividida por agita dos personalistas não seria apenas melancólico, mas perigoso para o regime». Essas palavras foram escritas no corredor da semana, com o verbo ser no condicional. Dias depois, Lacerda ac-

metta os próprios companheiros da eterna vigilância, xingando-os de negociantes para baixo. A temida divisão da UDN transformava-se numa realidade. Surgia então aos olhos do partidário da «aliança progressista da soberania nacional» o perigo para o regime.

Qual é no entanto o regime a que se refere o articulista da Standard que escreve por conta do O Globo? Ou o articulista do O Globo que escreve por conta da Standard? É claro que esse regime é o da «aliança progressista da soberania nacional», que João Neves pregava quando Ministro do Exterior. O enfraquecimento desse regime tira o sono de João Neves.

Antes do sistema da aliança progressista da soberania nacional era sustentado a ferro e fogo, os

fuzileiros navais norte-americanos trucidaram Sandino para consolidar essa alienação progressiva, que na América Central sempre progrediu muito. Hoje torna-se necessário substituir em certos casos a violência pelo subterfúgio. Não é de esperar, portanto, que o sr. Jânio Quadros, em plena maré de esvaziamento, tenha embarcado para Cuba em avião pago não se sabe ao certo por quem e de lá tenha regressado para iniciar o jogo perigoso dos elogios à revolução cubana, e no resumo do sustentáculo do contrário: isto é, do sistema de aliança progressista da soberania nacional.

A manobra de Jânio o desmorteia algumas pessoas e no «Diário Carioca» para combater Jânio, o sr. Macedo Soares investe contra Fidel Castro e o «golpista» da Sierra Maestra, que desdenham nas manobras da história os velhos temas das reformas agrárias. Numa festa marcadamente stalinista, Macedo muda o nome da Sierra Maestra e a revolução cubana para a revolução soviética e a consistência a revolução do desmorteado sr. Jânio Quadros, desesperado e esvaziado.



O drama do sertão

Ontem, a seca; hoje, a inundação. O Nordeste apresenta um quadro dramático de miséria e sofrimento. Milhares de flagelados, homens e mulheres, velhos e crianças, enchem as estradas, se acotovela nas cidades a espera de um pouco de auxílio para mitigar a sua dor, a desgraça que se abateu sobre seus lares.

MENSAGEM DOS COMUNISTAS AOS FLAGELADOS DO VALE DE JAGUARIBE

A calamidade agora é mais angustiante

FORTALEZA (Do correspondente) — Em nome dos comunistas cearenses, o ex-deputado estadual José Marinho do Vasconcelos e o jornalista e advogado Anibal Bonavides dirigiram a seguinte mensagem aos flagelados do Vale de Jaguaribe, vítimas das inundações ocasionadas com o transbordamento do Orós:

«Povo do Vale do Jaguaribe: Passou o instante emocional da tragédia de Orós.

Mes a tragédia não se resumiu nas horas dramáticas do rompimento da grande barragem. Nem tampouco se resume nos dias e noites das inundações do Vale do Jaguaribe. E certo que aquelas horas e aqueles dias foram dias e horas de terrível sofrimento para centenas de milhares de pessoas da região jaguaribana e comoveram profundamente a opinião pública do Brasil e do mundo inteiro.

Agora, porém, é que a calamidade se apresenta em sua forma mais angustiante. Mais de duzentos mil pessoas continuam deslocadas de suas cidades, vilas, povoados e sítios. Cerca de 100 mil jaguaribanos pobres, que tiveram seus lares destruídos pela violência da enxurrada, estão recebendo socorros de emergência. Criou-se assim, no Vale do Jaguaribe, um problema social de vastas proporções.

Um impressionante movimento de solidariedade ao povo jaguaribano, movimento que ultrapassou as fronteiras do país, mobilizou homens e mulheres de todas as condições sociais e tendências, na ajuda fraternal às vítimas da catástrofe do Orós.

Apresenta-se, a seguir, a questão mais difícil a resolver, que é da reinstalação das populações desabrigadas em

seus lugares primitivos. Prestados os primeiros socorros de urgência (alimentos, roupas, rédes, medicamentos), trata-se agora de providenciar a reinstalação de cada família em seu pedaço de terra, a fim de que cada um possa voltar e reintegrar-se no processo normal da produção agrícola.

Honrando as suas gloriosas tradições democráticas e populares, o Exército Brasileiro, contando com a colaboração da Aeronáutica e da Marinha, encontra-se à frente das operações assistenciais que se realizam na região jaguaribana, promovendo uma distribuição honesta da ajuda material e financeira destinada às vítimas das enchentes.

Aplaudimos, calorosamente, esta presença dinâmica dos soldados, aviadores e marinheiros do Brasil, na grande batalha de socorro aos nossos irmãos jaguaribanos. Nas atuais circunstâncias, é evidente que a permanência das Forças Armadas no comando destas operações, é uma necessidade, principalmente na fase da reinstalação das populações deslocadas.

Ao voltar para os seus lugares de origem, o povo jaguaribano levanta as suas reivindicações.

Quais são as reivindicações das populações laboriosas do baixo e médio Jaguaribe? Em primeiro lugar, a reinstalação envolve o problema de moradia, a distribuição de sementes, ferramentas, auxílio financeiro e reconstrução das cercas. Em seguida, o povo jaguaribano deseja ver reconstruído o Orós e a conclusão do Banabuiú e de todos os açudes públicos planejados pelo DNOCS.

A grande acudagem significa irrigação de milhares de hectares de terras.

Significa energia elétrica abundante. A grande acudagem cria as condições para as primeiras medidas de reforma agrária na região. Foi o início da construção do Orós, do Banabuiú e de outros reservatórios que levou o Governo Federal a elaborar o projeto de irrigação, hoje tramitando no Congresso Nacional. A Lei de Irrigação, por sua vez, significa a distribuição de terras irrigadas e irrigáveis dos açudes públicos, em lotes até 25 hectares cada um, com as famílias dos lavradores e trabalhadores agrícolas. Isto abriu uma nova fase de desenvolvimento econômico na paisagem social do Nordeste. É uma perspectiva promissora para as massas camponesas da região, perspectiva de transformação substancial da agricultura regional, perspectiva da formação de um florescente mercado interno, perspectiva de energia elétrica e de industrialização.

Povo jaguaribano: Acabais de sofrer as consequências imediatas da tragédia do Orós. E já agora, vozes reacionárias, refletindo o pensamento dos latifundiários, começam a abrir campanha contra a construção do Orós sob os mais ridículos pretextos.

Mas o vosso futuro está na terra. Na transformação que vier a se fazer na agricultura. Na irrigação, na energia elétrica, no loteamento da terra à jusante dos grandes açudes públicos. Logo, o vosso futuro, no momento, depende da construção do Orós, do Banabuiú e dos outros açudes.

Dos horrores que estais sofrendo, saíreis para novas lutas e para novas esperanças. Vossas esperanças poderão ser concretizadas se lutardes por elas. Vossos filhos viverão dias melhores, libertos da insegurança dos dias presentes, trilhando os caminhos que conduzem à satisfação plena de todas as necessidades materiais e culturais.

Nesta hora de provações, sabemos que o povo jaguaribano não desanimou. Está confiante.

Todo o povo cearense e nordestino, o Brasil inteiro está convosco, pela reconstrução dos vossos lares, pela vossa reinstalação no processo normal da produção, pela reconstrução do Orós, pela imediata aprovação da Lei de Irrigação do Nordeste. Só o povo unido barrará a sabotagem que já se esboça contra a reconstrução do Orós.

Neste oportunidade, a corrente dos comunistas cearenses, sentindo a vossa tragédia, mas descortinando o vosso futuro de liberdade e progresso, envia a todo o povo jaguaribano, esta mensagem de fraternidade.

Façamos tudo para que o Orós seja reconstruído no prazo prometido pelo presidente da República! Tudo pela aprovação e aplicação da Lei de Irrigação do Nordeste.

Repercussão

A mensagem dos comunistas cearenses obteve grande repercussão em todo o Estado. O seu texto foi lido na tribuna da Assembléia Legislativa pelo deputado Pontes Neto, irradado pela «Radio Verdes Mares» e comentado pela imprensa local.

Vai Faltar Carne: Frigoríficos Querem Dinheiro do Governo

As empresas frigoríficas estrangeiras (Swift, Anglo, Wilson e Armour), estão preparando uma crise artificial de carne bovina, para o período de entressafra do corrente ano, a fim de aumentar novamente os preços do produto. Visam, antes de mais nada, a reduzir o consumo no mercado interno, pela alta exagerada dos preços, de modo a aumentar os excedentes para exportação. Receiam, talvez, uma reação popular e um possível movimento pela nacionalização da indústria do frio, em nosso país e por isso pretendem preparar a opinião pública de modo a que seja transferida para o próprio Governo a culpa de uma nova crise de escassez de carne nos grandes centros consumidores. E, organizados, contando com apoio de autoridades federais e de seus testas-de-ferro que aparecem como criadores independentes de gado ou dependentes, apenas, do Banco do Brasil, elaboraram um plano de execução por etapas, para fazer crer que vai voltar carne, porque o Ministério da Fazenda não tomou providências em tempo oportuno.

Plano para escassez

Como primeira etapa de seu plano que visa a transferir para o Governo a culpa pela escassez artificial que prepararam, as empresas frigoríficas estrangeiras declararam-se dispostas a estocar carne bovina para garantir o abastecimento do Rio, de São Paulo e de outros centros consumidores no decorrer da entressafra, ou seja, no período compreendido entre agosto e janeiro. Mas seus representantes, ao serem ouvidos por uma comissão designada pelo ministro do Trabalho para discutir o problema da estocagem, afirmaram que as empresas estocariam o produto mediante financiamento. E pediram logo dois bilhões e duzentos milhões de cruzeiros para cobertura das despesas com a armazenagem de vinte mil toneladas. A comissão ficou de estudar a pretensão e levou o caso ao ministro do Trabalho. O Conselho Coordenador do Abastecimento reuniu-se, com a presença dos ministros de Estado que o integram e decidiu que deveria constituir-se uma comissão interministerial.

Enquanto se tomava essa providência, de constituir-se a tal comissão interministerial, as empresas frigoríficas faziam divulgar seu aguardavam as determinações do Governo para estocar a carne bovina necessária ao período de entressafra. Finalmente, o presidente da República nomeou a nova comissão

e um de seus membros, o presidente da COFAP que nela passou a representar o Ministério do Trabalho, antes de qualquer reunião se declarou favorável ao financiamento.

Ora, sabiam as empresas frigoríficas que o Governo não poderia financiar a estocagem de carne suficiente para o consumo dos grandes centros, de agosto a janeiro, numa proporção de dois bilhões e duzentos milhões de cruzeiros para vinte toneladas. Se, em última hipótese, essa quantia lhes fôr entregue pelo Banco do Brasil, sonegarão o produto do mesmo jeito, sob a alegação de que foi reduzida a quantidade armazenada, suficiente, apenas, para o consumo de quarenta e cinco dias, somente no Rio de Janeiro. Ora, numa cidade como o Rio, cujo consumo estimado é de quatrocentas e cinquenta toneladas diárias, seria preciso, no mínimo, sessenta toneladas de carne e, na base do pedido inicial de financiamento, o Banco do Brasil teria de entregar às empresas frigoríficas seis bilhões e seiscentos milhões de cruzeiros. E ainda assim viria a escassez e a alegação de que as sessenta toneladas foram insuficientes para o Distrito Federal, São Paulo e outros centros consumidores.

Aceito para estudo o pedido de financiamento, as empresas frigoríficas passaram a advertir o Governo de que se não fôr estocada a carne haverá escassez na entressafra. E os que fazem sua mesma linguagem, na Conferência do Rio, de São Paulo e de outros centros consumidores, passaram a chamar a atenção do povo para o problema da estocagem, que não está sendo feita, segundo alegam, porque o Governo ainda não concedeu o financiamento. Pura chantagem, como se vê, cujo objetivo é desviar a opinião pública dos que pretendem provocar nova crise de escassez de carne bovina, para elevar mais ainda o preço do produto e reduzir, pela alta, o consumo no mercado interno.

Desnecessário o financiamento

Poderiam as empresas frigoríficas estrangeiras exigir financiamento para estocagem de carne? Claro que não. E se o fazem é porque estão contando com apoio dentro do próprio Governo, provavelmente das mesmas forças que impediram a ação do general Ururay Magalhães que, quando à frente da COFAP, exigiu que os poderosos senhores da pecuária de corte cumprissem os dispositivos legais que os obrigam a manter gado ou carne transformada para o período de entressafra.

As empresas frigoríficas estrangeiras (Swift, Anglo, Armour e Wilson) não são apenas «transformadores» de carne como alegam, quando dizem que precisam de financiamento para adquirir boi em pé dos investistas. São também criadores e engordadores de gado e até vendem boi em pé a marchantes, funcionando como se fossem simples investistas. Dispõe o artigo primeiro do Decreto-Lei nº 9 883, de 16 de setembro de 1946, que as empresas frigoríficas que exploram a indústria de carnes e derivados podem abater, em seus estabelecimentos, gado bovino e suíno, criado e engordado em áreas de sua propriedade ou arrendadas. E o parágrafo primeiro desse artigo é taxativo: «O gado criado ou engordado nas condições estabelecidas neste artigo será reservado para o consumo no período de primeiro de agosto a 31 de dezembro de cada ano, podendo as empresas frigoríficas e os mata-douros abatê-lo no primeiro semestre, para estocagem, ou conservá-lo em suas invernadas ou campos, para garantia

do suprimento regular do mercado interno naquele período.»

Deste modo, sem que haja qualquer financiamento para estocagem, não podem as empresas desviar do consumo interno, no período de entressafra, o gado de que dispõem em suas próprias invernadas.

E não podem as empresas ocultar das autoridades do Ministério da Agricultura e gado de que dispõem e o seu movimento de abate. Pelo que dispõe o artigo 3º da Portaria nº 814, de 25 de agosto de 1955, do Ministério da Agricultura, que regulamentou e reformou o decreto-lei, as empresas frigoríficas estão obrigadas a comunicar, anualmente, à Divisão de Fomento da Produção Animal: a) o número de animais abatidos no período de primeiro de janeiro a 31 de julho, engordados pelas próprias entidades e mantidos em estoque nas câmaras frias para consumo nos meses de agosto a dezembro; b) o número de animais reservados e destinados ao abate no período de primeiro de agosto a 31 de dezembro.

Todavia, nenhum desses dispositivos legais está sendo observado, nem mesmo pelas autoridades do Ministério da Agricultura e da COFAP que deveriam exigir o seu cumprimento.

Manaus comemorou

o aniversário do PCB

MANAUS — Amazonas (Do Correspondente) — Num clima de grande cordialidade e entusiasmo foi comemorado, nesta cidade, o 38º aniversário de fundação do Partido Comunista do Brasil. A sessão comemorativa contou com a participação de grande número de pessoas, entre as quais inúmeros dirigentes sindicais e políticos de várias filiações partidárias. Conhecidos dirigentes comunistas dirigiram o ato, relembrando a atuação do Partido, desde a sua fundação no movimento pela emancipação econômica e política das massas trabalhadoras e do país. Todos os oradores foram unânimes em ressaltar a necessidade de o Partido ter existência legal.

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttenberg Chvalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragimon Borges

REDATORES

Almir Matos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.

MATRIZ

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905

Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Annual	Cr\$ 250,00
Semestral	130,00
Trimestral	70,00
Aérea anual, mais Cr\$ 100,00; semestral, Cr\$ 50,00; trimestral, Cr\$ 30,00.	
Número avulso	Cr\$ 5,00
Número atrasado	8,00

Carta do Sertão

Favela do «Canta galos»
Quatoze do mês d'abri.
Cumpade Zé Manicobz:
Vai tudo mar puraquí.

Porém nós vence a batua.
Se se flizé união.
Todo patrão é izato
Cumedo do Sindicato:
Nós num temo no sertão.

Trabaladô coma nós,
No Distrito Federá,
No dia qui dói um dente
Já sabe adonde tratá.
Se o patrão se mete a besta
Tem doutô pra divogá.

Vocês precisam criá
O Sindicato de vocês.
Dispés de tudo correto
Ficam montado nas leis,
Comem tudo mais barato
Adonde há Sindicato
Budega num tem freguês.

Trabalá sem Sindicato
«E' remá contra a maré».
Se você fartá um dia
O patrão li perde a fé

Assuntando noutas coisas:
O partido U.D.Né
Mandô o zaró a Cuba
Para dançá e bebé.

Castaro nesse passéi
Cem miões de cruzéro!
Do sítio quele vendeu
O restin ainda deu
Prôuto passéi no istrangéru.

Levô Tutu sua fia
Para traçá o barai.
Mas Fidé Casto é vivin
Im arapuca num cai.
Alevantô-se da mesa
Dexô Tutu mais o pai.

Marchêu Texéru Lote
Já venceu as inleição.
Vai para Hia-das-cobra
Tudo quanto fô ladrão:
E' lá queles vo vivê
Pela culpa de vendê
Os direito da nação.

Cumpade Zé Manicobz
Ahencêi meu afiado.
Manezim dos Anastaco
O seu amigo istimado.



Lott e os Comunistas

(Conclusão da 1ª página)

sem a mesma base social e política. Na atual campanha sucessória, porém, manter equidistância significa, de um lado, alimentar ilusões na candidatura entreguista e reacionária de Jânio Quadros, e, de outro lado, renunciar à possibilidade de influir sobre a candidatura Lott, no sentido de levá-la, através da ação política de massas, a expressar com mais firmeza as aspirações antiimperialistas e populares. A neutralidade seria uma espécie de «voto branco». E votar branco, num conflito agudo como o atual, é votar pelo imperialismo.

MARCHAR com a candidatura Lott é a única decisão acertada. Mas isto não significa marchar a reboque dos grupos reacionários que tentam comandar a campanha, nem fechar os olhos diante de certos preconceitos retrógrados do próprio candidato. A questão consiste em que certos elementos reacionários do PSD não têm qualificação para orientar uma campanha nacionalista e democrática, nem esta campanha pode ser inspirada em preconceitos ideológicos inaceitáveis pelas massas. O verdadeiro problema que se coloca hoje não é, portanto, se devemos apoiar Lott, mas como devemos apoiá-lo.

APOIAMOS o marechal Lott porque sua candidatura exprime as aspirações antiimperialistas e democráticas do povo brasileiro. São estas as

pirações que dão um conteúdo nacional e popular à candidatura. Lutaremos, portanto, para que elas se tornem a bandeira da campanha de Lott e estejam no centro da propaganda e da ação política. Exigiremos, no curso da campanha eleitoral, o desenvolvimento independente e progressista da economia do país, e não a atual política de conciliação com o imperialismo e de agravamento da exploração das massas trabalhadoras. Propugnaremos por uma política externa independente, de relações amistosas com todos os países. Mobilizaremos a solidariedade do povo brasileiro à revolução cubana. Defenderemos os interesses vitais dos trabalhadores e do povo contra a inflação e a carestia. Lutaremos pela reforma agrária.

AFIM de imprimir à campanha do marechal Lott este caráter nacionalista e popular será necessário, por vezes, divergir de certos setores lottistas e queixá do próprio candidato, quando suas posições se chocarem com os sentimentos das massas. Não importa. O essencial é que fiquem claros para o povo os objetivos antiimperialistas e populares das forças que sustentam o marechal Lott. Somente assim elas contarão com o apoio necessário para derrotar a demagogia junistas.

Crimes e Espalhafatos

Com todo o amor que tenho pela liberdade de ser, de pensar, de agir, de criar e de viver, acto que devia haver censura e contróle no noticiário de polícia dos jornais. O fato é simples: aparece um crime explorado espalhafatosamente pelas seções de polícia da imprensa, o crime rende com detalhes e retratos, com afirmativas muitas vezes levianas, com mentiras visíveis a olho nu e fica no cartaz durante dias. Outros crimes idênticos vão então surgindo, mais outros e como no soneto «As Pombas», de Raimundo Corrêa, dezenas de crimes «voam dos pombais».

Um mocinho de vinte e dois anos «desesperado pela paixão» deu tiros na namoradina que não quis mais saber dele e depois bebeu veneno e morreu. Espalhafato até mesmo nos jornais mais sérios; lá vem a história em detalhes, o morto não valia nada porque é próprio dos narradores de crimes apresentar o morto como uma peste. Mal sabemos, e lá vieram outros crimes absolutamente idênticos, mocinhos e mocinhas morrendo por amor, a «desesperada paixão» do primeiro caso refletindo-se nos demais até o último, que não sei se vocês leram: uma menina branca e rica de quatorze anos apaixonou-se por um padroeiro preto de vinte e dois. Paixão mútua, proibição dos pais da mocinha, pacto de morte e morte propriamente dita, os jornais explorando o desvario dos dois como se fosse um problema racial. (Até parecia dos Estados Unidos).

São meninos, gente, são crianças influenciáveis, são cerebros ainda não formados que vivem vendo filmes passionais, histórias de mocinhos e lendo histórias em quadrinhos. A menina de quatorze anos namorando, não tem nada de mais; é próprio da idade, e como se estivessem experimentando a vida. A proibição dos pais é também natural, o moço era pobre, a menina rica e nem mesmo os piores romances de hoje são capazes de dar um fim bonito a um romance entre um homem pobre e uma menina rica. Houve erro dos pais porque proibiram um amor de levar à tragédia shakespeariana.

Mas é o noticiário dos jornais que provoca tudo isso; é o exemplo de utros que leva os jovens ao desespero. Achem bonito — os bobos — morrer por amor como se fossem a «Severa» e, se alguns escapam, outros morrem mesmo. Os jornais atacam: «vamos, quem quer se matar? está na hora!» A moda é dos crimes passionais de jovens.

Mario de Andrade, numa crônica de 1930 que está no seu livro intitulado «Os filhos da Candinha» dá uma palavra de ordem: «Educai vossos pais.» E comenta: «Os pais... querem torcer a gente para o caminho que eles fizeram, na bem intencionada vaidade de que são exemplos dignos de seguir. A gente, não é que não queira nem pode!» E aconselha: «O melhor é a gente se fazer passar por maluco.» Não chego a apoiar cento por cento o que ensina Mario nessa crônica, mas a verdade — que eu gostaria que chegasse até esses jovens demasiadamente bobos que se matam antes de começarem a viver — é que os filhos precisam educar seus pais e não se deixarem arrastar pelo noticiário de polícia dos jornais.

Meu pai, quando dizíamos frases assim: «nunca vi na minha vida» ou «é a coisa melhor da vida» perguntava: — Quantos anos tu tens? Respondíamos e ele retrucava: — Você não viu nem sabe nada da vida. Viva, menina. E' o que digo aos jovens: Vivam! Vivam! E não sejam influenciados pelo noticiário policial dos jornais.

Encido

JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI

DALCIDIO JURANDIR

NAO sei, não posso escrever sobre José Carlos Mariátegui senão estas linhas comovidas. Ler seus livros, aqui no Brasil, certas horas, é quase um socorro. Sentimentos, intrínsecos, um áspero «não» a coisas maciamente insistindo em exigir «sim», encontram-se na obra de Mariátegui e nos confortam. Em alguns momentos nos surpreendem tocados de uma pífia solidão ou de uma náusea contida, e a leitura de uma obra como a de Mariátegui dá saúde. Ficamos gratos a esse homem da cordilheira, a essa obra do Peru e da América, estes volúminhos da Editora Amauta, de Lima, que me chegaram às mãos pela gentileza de minha amiga Iris Barbosa de Melo.

Mariátegui. Um nome que escutei, por acaso, em Belém do Pará. No Pará, talvez, os países dos Andes estejam mais perto de nós, que continuamos tão distantes da América, tão separados dos nossos

irmãos que não nos conhecem. Por acaso, ligeiramente, li o «7 ensaios de interpretação de la realidad peruana», faz quanto tempo. Não pude esquecer aquele pensamento ousado, aquele corte fundo na história do Peru — índio, colonizador, nação formando-se — com uma análise não mais acadêmica nem tampouco arbitrária. Fascinante ler esse autor peruano que tenta estudar e revelar seu povo, captar o destino de sua nação, através de uma interpretação condenada ao fogo pelos bem pensantes e pelos pensantes de moda, tão repelida quanto aviltada. O autor podia cair num alcaçô, na aventura sem eco ou num apenas simpático e solitário propósito experimental. Muito moço ainda, para manejar instrumento tão perigoso, por muito delicado, e que exige, por parte de seu manejador não só uma hábil aplicação mas muita maturidade e dom criador. «El destino del hombre, diz o

nosso peruano, es la creación. Y el trabajo es creación, vale decir liberación». Mas Mariátegui não tinha apenas talento. Sua paixão pelo povo, pelo seu país, apurava-lhe o espírito, a intuição, a percepção de ensaísta e polemista. Sobre tudo a humildade. Indaga, arrisca-se no exame, rompe o impasse histórico, o problema obscuro, sem deixar-se ir às nuvens pelo puro descobrimento ou com o efeito de pura novidade que as suas idéias poderiam produzir. Brotando de um chão, como o Peru, rico de índio, sangrento de colonização e caudilhismo, ao péso de uma cultura, a espanhola, que não regava os sulcos da nação peruana com o húmus do Quixote mas pisava com as botas do Vice-Reinado, Mariátegui combate a apatia cultural, a dominação velha, o atraso do país. E com que dignidade e abnegação! Intimo da mais funda realidade peruana e do que há de mais universal e de maior

perspectiva histórica em nosso tempo. Humanista pela livre e permanente aquisição da cultura e pela apaixonada participação de sua época, a época da revolução soviética, termina assim o «7 ensayos»: El indigenismo como hemos visto, está extirpando, poco a poco, desde sus raíces, al colonialismo. Y este impulso no procede exclusivamente de la sierra. Valdelomer, Falcón, criollos, costenos, se cuentan — no discutamos el acierto de sus tentativas — entre los que primero han vuelto sus ojos a la raza. Nos vienen, de fuera, al mismo tiempo, variadas influencias internacionales. Nuestra literatura ha entrado en su periodo de cosmopolitismo. En Lima, este cosmopolitismo se traduce, en la imitación entre otras cosas de no pocos corrosivos decadentismos occidentales y en la adopción de anárquicas modas finiseculares. Pero, bajo este flujo precario, un nuevo sentimiento, una nueva revelación se anuncian. Por los caminos universales, ecuménicos, que tanto se nos reprochan, nos vemos acercando cada vez más a nosotros mismos. Não o satisfaz o aprismo, traz para a polémica, para a doutrina, para a agitação política, numerosos aspectos da vida peruana até então intocáveis ou camuflados. Reconhece que «La política es hoy la grande actividad creadora. Es la realización de un intenso ideal humano.» E adiante: «Está, pues, esclarecido, que de la civilización incaica, más que lo que ha muerto no se preocupa lo que ha quedado». Essa preocupação política está em sua obra, ora nua e crua, ora transfigurada, mas a todo instante. Sabia quanto a política interferiu na obra de arte, quanto é capiosa, fingindo mesmo que não está, oculta, misturada a todos os ingredientes do trabalho artístico. Isso ele sabia muito bem. E assim nos fala da famosa torre: «La torre de marfil no puede ser confundida, no puede ser identificada con la soledad. La soledad es grande, ascética, religiosa. La torre de marfil es pequeña, humana, enfermiza. Y la soledad misma puede ser un episodio, una estación de la vida, pero no la vida toda. E es bom crítico quem nos declara: «Sobre la mesa de trabajo del crítico revolucionario — independientemente de toda consideración jerárquica, um libro de Joyce será en todo instante un documento más valioso que el de cualquier neo-Zola». Maria Wiesse, em sua admirável biografia de Mariátegui, escreve: «Humilde fue Mariátegui como lo han sido todos los precursores los sembradores de ideas, los mensajeros de una doctrina. Humilde y generoso; se dio todo y nada reclamó. Ni honores, ni fama, ni dinero, ni aplausos. Vivía agonizando y su agonía fue renacimiento, renovación y amor: se un dos muchos testimonios de vida de Mariátegui, un pensamiento de humildad. Vida curta, dalaron nos últimos anos, firme, venosa e generosa, o subórna, a perseguição, o isolamento, o cerco da miséria. Tinha a sua «filiação e a sua fé. Marxista, dá a explicação justa: «No queremos claramente que el socialismo sea en América calco y copia. Debe ser creación heroica. Tenemos que dar vida, en nuestra propia realidad, en nuestro propio lenguaje al socialismo indioamericano. He ahí una misión digna de una generación nueva».

Mariátegui. Não é um nome, em certos dias nossos de impostura e fraude, muito para recomendar. Que diga, não nos ensina senão humildade, trabalho e luta?

Sadoul Descobre o Cinema Brasileiro

Entrevista concedida a GENNYSON AZEVEDO

GEORGES SADOUL não será, por certo, desconhecido de um grande número de nossos leitores que se interessam pelo cinema. Sadoul, é o autor de inúmeros livros sobre a 7ª arte («Histoire Générale du Cinéma», «Histoire de L'Art du Cinéma», «Les Merveilles du Cinéma») tendo traduzido para o português «A Vida de Carlitos» e «O Cinema: sua arte, sua técnica, sua economia». Aqui mesmo, em NOVOS RUMOS, já publicamos sua crítica sobre o tão discutido «Les Amants». E com satisfação, pois, que registramos a presença deste ilustre intelectual francês em nosso país.

Um amigo do Brasil

Conheci Georges Sadoul há 2 anos atrás quando assistia ao Festival Intelectual de Cinema, em Cannes, como ervidado de alguns jornais brasileiros. Na entrevista que então me concedeu G.S. exprimi o enorme desejo de conhecer nosso país onde já contava numerosos amigos. Mais tarde visitei-o em sua casa em Paris. Nestes contactos era obrigado a responder a uma série de indagações sobre o Brasil, seu povo e sua cultura. Meu interlocutor mostrava-se fascinado com as possibilidades deste país imenso e tão pouco conhecido no exterior.

Hoje, revejo o grande historiador realizando o seu grande sonho. Já esteve em São Paulo (10 dias) e agora o acompanho pelas calçadas da Cinelândia, do Passeio Público, da praia do Flamengo, até o hotel. Sadoul sente-se como se estivesse em casa e procura-se informar de tudo. Reviu os amigos, provou a comida baiana e viu várias dezenas de filmes brasileiros. A esta hora deve estar em Recife ou Salvador procurando desvendar o nosso passado colonial. O seu entusiasmo diante da realidade brasileira é um fato e não um simples gesto de cortesia.

Panorama do cinema mundial

No Rio, Georges Sadoul, além dos contactos diretos com a gente de cinema, pronunciou uma conferência na Faculdade Nacional de Filosofia sobre as perspectivas do cinema francês e os jovens realizadores. NOVOS RUMOS, que o acompanhou durante estes dias, entrevistou-o sobre a situação geral da cinematografia.

— A meu ver, declara inicialmente G.S., o que caracteriza melhor o cinema dos últimos anos é o seu desenvolvimento universal. Quando comecei a escrever a história do cinema achava que ele só existia em 5 ou 6 países e agora estou convencido que em mais de 50 nações fazem-se filmes que trazem uma contribuição importante à arte cinematográfica.

Perguntamos a seguir sobre o cinema norte-americano dos últimos 5 anos.

— A partir de 1955 há, incontestavelmente, uma renovação do cinema americano. Uma «nouvelle vague», em parte vinda da televisão, veio revolucionar os padrões de Hollywood, realizando filmes bons com pequenos orçamentos.

— Marty, prossegue, marca esta modificação nos rumos de cinema americano. Os produtores começam a compreender que uma película feita com orçamento modesto, em preto-e-branco, mas com uma boa história pode render ruidos milhões. Além disto, o fim do macartismo possibilitou a filmagem de coisas mais interessantes revelando-se um verdadeiro

néo-realismo norte-americano.

— Hoje preocupo-me com os caminhos seguidos por alguns destes cineastas que começaram tão bem com seus filmes modestos. Basta ver o caso de Joshua Logan que depois de «Férias de Amor (Pic-nic)» fez «Ao Sul do Pacífico (South Pacific)» e Richard Brooks trocando a simplicidade de «Sementes da Violência (Blackboard Jungle)» pelo custoso «Os Irmãos Karamazov». Hollywood foi definida por Stroheim como uma «fábrica de salchichas»: podemos dizer que «as salchichas» hoje são mais luxuosas, tecnicoloridas, mas não deixam de ser «salchichas». Porém, há muito que esperar de homens como Stanley Kubrick, Robert Aldrich e outros.

Néo-realismo e «nouvelle vague»

Falamos agora do néo-realismo italiano.

— Néo-realismo, como escola, como meio de criação, exprimindo as preocupações da classe trabalhadora, que é a maioria da nação, continuará a existir por muitos anos, na Itália e em outros países. O que existe é uma crise entre o cinema comercial e as formas antiquadas que muitos de meus amigos néo-realistas teimam em usar nas suas realizações. A forma envelhece, é preciso adaptá-la ao gosto do dia e não se pode trabalhar no cinema com protótipos, como na indústria mecânica. O que é bom num período pode não ser no instante seguinte. Atualmente, porém, o cinema italiano atravessa uma fase boa, tanto econômica como esteticamente. Os últimos filmes de Fellini, Rosi e Zurlini vêm alcançando grande sucesso.

Sadoul responde agora a nossa pergunta sobre os jovens realizadores franceses já batizados como a «nouvelle vague».

— Como escola a «nouvelle vague» não existe. O que há é o aparecimento simultâneo de uns 20 ou 30 novos diretores, pensando e trabalhando de maneira diferente, contribuindo assim para a renovação do cinema francês. Possivelmente, muitos deles irão fazer filmes comerciais e, ao final de alguns anos, apenas uma meia dúzia

figurará entre os grandes «metteurs-en-scène». O importante, no entanto, é que a «nouvelle vague» produziu um excelente diretor como Alain Resnais com o seu magnífico e generoso «Hiroshima Meu Amor»; um François Truffaut que nos surpreendeu com «Les 400 Coups» (Os 400 golpes) que não representa apenas um protesto contra a educação de um garoto mas traça um quadro crítico de uma camada da sociedade francesa da atualidade. Mesmo, Louis Malle em «Les Amants» nos dá uma pintura satírica da burguesia, classe à qual o realizador, individualmente, pertence.

— Não se diga que a realidade social está ausente das preocupações dos novos. Resnais declara-se decididamente contra a guerra em «Hiroshima Meu Amor»; Claude Bernard Aubert com «Les Trips Au Soleil» focaliza o drama do ódio racial; Jean Rouch em «Moi, un Noir» situa-se na Costa do Marfim, na África, e tem um grande valor humano como documento sociológico. Criei firmemente nos resultados que a «nouvelle vague» vai produzir, importando num renascimento do cinema francês.

A palavra final

Para finalizar, queremos saber da impressão que lhe causaram os filmes brasileiros vistos aqui e em São Paulo.

Meu conhecimento com o cinema brasileiro data de 15 dias, durante os quais vi cerca de 40 filmes. Antes já conhecia «O Cangaceiro, Rio 40° e O Canto do Mar do meu amigo Cavalcanti. Não é fácil fazer um balanço de imediato, que seria incompleto, mas quero prestar minha homenagem a Humberto Mauro. O filme «Canga Bruto» figura, sem qualquer dúvida, entre as obras-primas do cinema mundial refletindo a personalidade extraordinária de Mauro. Vi e gostei de dois filmes recentes — «Cidade Azevedo de A Garganta do Diabo» — realizadas por dois jovens: Roberto Farias e Walter Hugo Khoury. Tenho certeza de que quando o cinema brasileiro eclodir vocês terão uma arte proporcional às dimensões deste país. Criei que isto não vai demorar.



Georges Sadoul desenvolveu intensa atividade no Rio de Janeiro, pronunciando conferências, concedendo entrevistas, participando de uma série de fatos cinematográficos. Nota simpática, o crítico francês conhece português.

Entende português

Notas Sobre Livros

Em palestra com um grupo de intelectuais, na maioria jovens que andam em busca de caminhos para a sua atividade artística ou literária, tive ocasião de lembrar o princípio formulado por Lênin acerca do problema da cultura nacional.

Em artigo datado de 1913, depois recolhido no volume XVII de suas Obras Completas, Lênin escrevia que há duas nações em cada nação, que há duas culturas nacionais em cada cultura nacional. E prosseguia desenvolvendo o seu pensamento:

«Em cada cultura nacional há elementos — por menos desenvolvidos que sejam — de cultura democrática e socialista, porque em cada nação há a massa trabalhadora e explorada, cujas condições de vida fazem inevitavelmente nascer uma ideologia democrática e socialista. Mas, em cada nação há também uma cultura burguesa (e o mais das vezes, uma cultura reacionária e clerical) — e isso não somente sob a forma de elementos mas sob a forma de cultura dominante.»

A teoria leninista permanece válida para todas as nações onde vigorem sistemas sociais baseados em diferenças e antagonismos de classe. E que o princípio da luta de classes abrange também o fato social da cultura. E a comprovação disso está em que nos países socialistas, onde não existem mais classes antagonicas, a cultura dominante é a de caráter democrático, socialista, unitária.

Nos países do tipo do Brasil o problema apresenta certos aspectos peculiares que não devemos perder de vista. Na atual etapa histórica da sociedade brasileira, a contradição principal é a que existe entre a nação em desenvolvimento e o imperialismo norte-americano. Assim sendo, torna-se evidente que a linha de demarcação das duas culturas é determinada, no caso brasileiro, por essa contradição principal. Há, sem dúvida, de cada lado dessa linha, certas contradições internas; mas historicamente — ou tipicamente — são contradições secundárias, que podem agravar-se ou amainarem-se em dados momentos, sem com isto perder o seu caráter secundário.

Colocada a questão nestes termos, buscando aplicar a teoria leninista às condições brasileiras na hora presente, poderemos estabelecer com alguma segurança o critério de classificação ou localização das duas culturas em nosso País: de um lado, a cultura progressista, democrática, nacionalista; do outro lado, a cultura reacionária, obscurantista, invariavelmente tendendo mais e mais para o cosmopolitismo. Havendo sempre, de um e outro lado, como reflexo das contradições secundárias, elementos mais ou menos hesitantes, em certos casos mais ou menos secundários, e ainda, noutros casos, mais acidentalmente retrógrados ou mais acidentalmente avançados.

A este critério de avaliação não escapa tampouco a produção artística e literária mais deliberadamente «apofônica», mesmo em suas manifestações mais requintadamente formalistas ou herméticas. A coisa se resume no seguinte: o artista, o poeta, o escritor, o pensador, e também o crítico, vivem neste mundo, e por muito que seja o seu talento ou a sua capacidade de abstração, não podem fugir à pressão das condições sociais existentes, dentro das quais eles concebem e elaboram a sua obra. A chamada «luta» é apenas um equívoco, mesmo quando tocada de aritméticas crises de consciência...

Astrojildo Pereira



DEZ ANOS A SERVIÇO DA CULTURA

O CLUBE DE CINEMA DO RIO DE JANEIRO está comemorando este mês o seu 10º aniversário de atividades em prol do bom cinema. O CCRJ nasceu da iniciativa do jornalista Paulo Brandão, em abril de 1950, e que foi seu presidente até 1958.

O documentário «50 Anos de Cinema Francês e o Clube Eclaire» de Gustav Moelndig, especialmente editado pelo Sr. Hugo Sperandino, foram os filmes propostos na sessão inaugural. Desde então realizaram-se, além das exibições cinematográficas em conferências, debates e os festivais: Chaplin, Cavalcanti, Ballo e de filmes de Jazz, sendo o primeiro na organização destes ciclos.

Nestes 10 anos o CCRJ recebeu a visita de muitas personalidades da cultura mundial, entre as quais: Aubrey, Augusto Guinã, Alberto Cavalcanti, Genard Philippe, Robert Cavalloni, Edgardo Brasil, Mesquita, Edgardo Aníbal, Ana Luiza Leal, Nanni Svizzer, e inclusive representantes do Grupo Editorial e escritores.

Normalmente as exibições do CCRJ são realizadas no Instituto Nacional de Cinema Educativo em caráter excepcional, já foram promovidas sessões na Faculdade Nacional de Filosofia, ABL, Clube Militar, auditório da Mesbla (em colaboração com a STA), Ministé-

rio de Educação e no auditório da Câmara dos Vereadores.

Para o 10º aniversário o CCRJ organizou uma série de atividades que ocorrerão no auditório do Theatro Municipal em 20 noites, com a participação de artistas de John Ford, dos Estados Unidos, será apresentado o filme brasileiro «Canga Bruto» de Humberto Mauro, apresentando os festejos do 10º aniversário.

Os membros do CCRJ são: Presidente, Alberto Cavalcanti; Vice-presidente, Roberto Cavalloni; Secretário, Edgardo Brasil; Tesoureiro, Edgardo Aníbal; Conselho Fiscal, Nanni Svizzer, e Conselho Representantes do Grupo Editorial e escritores.

EXPLICAÇÃO PARA A VIAGEM À VENEZUELA

Jânio e Rockefeller Conspiraram em Caracas Contra a Petrobrás

O sr. Jânio Quadros foi a Cuba anunciando que a sua permanência ali seria de sete dias. O programa de visitas e recepções foi minuciosamente preparado...

norte-americano. Mas a própria Jânio desautorizou essa versão, sem explicar, entretanto, os verdadeiros motivos de sua decisão imprevista.

Que razões tão imperiosas seriam capazes de levar o sr. Jânio Quadros a Caracas? Eis o que todos perguntavam, sem encontrar nenhuma resposta convincente.

As férias de Rockefeller

As coisas começam a se tornar claras, agora, com a revelação de que Nelson Rockefeller, o «big-bos» da

Standard Oil e amigo de Jânio, esteve na Venezuela no mesmo período, em que lá se encontrava o candidato de Carlos Lacerda. O pretexto para a viagem de Rockefeller, foram as férias do Congresso Estadual de Nova Iorque.

Vejamos de que modo se desdobra essa «simples coincidência»:

— dia 31 de março: um telegrama da France Press (veja-se a 2a. página do «Jornal do Brasil» desse dia) informa que Nelson Rockefeller decidira passar suas «curtas férias de sete dias» na Venezuela.

— dia 1º de abril: todos os jornais caribenhos informam a respeito da resolução tomada pelo sr. Jânio Quadros: cancelar dois dias de sua estada em Havana e dirigir-se imediatamente a Caracas, sem nenhuma explicação razoável.

A partir daí foi completo o silêncio em torno das andanças do «rei do petróleo». Apesar de todos os seus passos serem objeto de minuciosas informações pelas agências telegráficas, nada se noticiou sobre a presença e suas atividades em Caracas;

— dia 2: Jânio Quadros segue, com

um número limitado de acompanhantes para a capital venezuelana. Pouco ou quase nada se sabe também sobre a presença e as atividades de Jânio em Caracas. O que se sabe muito bem é que Jânio e Rockefeller costumam proclamar-se amigos; que Rockefeller, embora não seja eleitor brasileiro, já tornou público o seu apoio à candidatura de Jânio; e que os mais autorizados publicações dos monopólios norte-americanos têm esperanças de que Jânio constitua a sua esperança para liquidar com a Petrobrás.

Não dispomos de informação segura sobre os prováveis encontros realizados em Caracas entre Jânio e Rockefeller. Mas, como se vê, todas as circunstâncias autorizam a acreditar que tais encontros se realizaram, não tendo sido senão em função de que Jânio resolveu encurtar a sua estada em Havana.

— dia 11 de abril: a revista «Time» confirma que, «para matar o tédio», Rockefeller esteve na Venezuela nos primeiros dias deste mês.

Eis aí, muito provavelmente, a explicação que faltava para a repentina atitude de Jânio (depois de ser informado da viagem de Rockefeller), abandonando Cuba dois dias antes e dirigindo-se apressadamente para Caracas: o candidato que prometeu acabar com a Petrobrás teria ido encontrar-se com a magnata da Standard Oil e com ele conspirar contra a monopólio estatal do petróleo e os nossos mais sagrados interesses nacionais.

Deputado Janista Lança Capangas Contra Lavradores Fluminenses

SÃO JOÃO DA BARRA — Estado do Rio — (Da Correspondente) — Os posseiros da Fazenda de Largo, vêm enfrentando há nove anos as investidas dos grileiros José de Sá Neto, Emelindo Coelho e José Machado, atual prefeito municipal, que tentam expulsá-los das terras.

foi oferecida a Luciano pelo Prefeito Municipal, em paga de uma dívida antiga. Comprando a fábrica, o deputado Simão Mansur julgou-se também dono dos 40 alqueires, que são cultivados há muitos anos pelos posseiros.

Disposto a juntar as suas riquezas, o deputado Janista reuniu e anda de banditismo contra os posseiros que, segundo levantamento feito pelo atual governador do Estado, sr. Roberto Silveira, são os autênticos donos das terras. No último dia 12 de março, um caminhão carregado de capangas do deputado entrou na fazenda de Largo, derrubando casas, queimando as plantações e ameaçando de matar a todos aqueles que tentassem defender as suas propriedades. O juiz da Comarca dr. Alvaro Poggio de Figueiredo, colocou-se ostensivamente ao lado dos grileiros, chegou a conduzir pessoalmente um grupo de policiais, procurando lavradores para prender. O deputado Simão Mansur, contando com o apoio da polícia e de juizes facciosos, continua cometendo violência, numa tentativa desesperada para vencer a resistência dos lavradores, que continuam firmes na defesa das terras que por direito lhes pertencem.

Deputado Janista em cena

Apesar de contar com o apoio da polícia e de certos juizes antigos grileiros não conseguiram desalojar os lavradores. Em virtude disso mudaram de tática. Passaram a negociar com o deputado estadual Simão Mansur, homem de muito dinheiro — um dos donos da UDN fluminense, e sustentáculo da candidatura Jânio Quadros. O deputado Janista comprou, de sócio, uma fábrica de farinha a Miguel Luciano. A fábrica está situada dentro de uma área de 40 alqueires de terra grilada, que



Encontraram-se na Venezuela

At the time of his visit to Caracas, Rockefeller (left) combined school districts, give them new tax powers, and provide relief for thousands of Manhattan commuters, who live in neighboring Connecticut and New Jersey but pay higher New York income taxes than residents, and encourage, by tax deductions, voluntary construction of atomic fallout shelters at homes and commercial buildings. Originally advanced on a mandatory basis, Rockefeller's deadly earnest shelter plan viewed as political poison by assemblymen, who sent it back to committee and hooped it up with the name of a New York ring.

Associated Press GORNER ROCKEFELLER Lesson learned.

Confessa o número desta semana (dia 11) de «Time»: «O entediado Rockefeller deixou Manhattan no fim da semana para um breve período de férias em seu rancho venezuelano». A viagem foi no dia 1º. No dia 2 Jânio partiu.

Teatro Sexy

A estréia da semana deu-nos Sergio Cardoso, no Teatro Mesbla, com a comédia musical, «Sexy» em três atos, de Vicente Catalano. O espetáculo comercial, para agradar a grandes platéias. O espetáculo musical e revista contém com público certo e garantem a sobrevivência das companhias, quando se encontram em aperturas econômicas.

Notícias

O Serviço Nacional de Teatro tem uma série de publicações novas. A gente de teatro pode ir buscar. Não custa nada. Além de algumas obras de teatro universal, há diversas de autores brasileiros: «A Negra Bár» de Telma Maranhão, «Adão, Eva e outros membros da família do nosso Alvinho (Alvaro Moreira)» de Zora Seljan, e outras. O teatro completo de Nelson Rodrigues esgotou-se rapidamente. Sairá breve nova edição.

A Associação Brasileira de Críticos Teatrais (ABCT) organizou um curso que se iniciará nos primeiros dias do próximo mês. Horário: das 18 às 19 horas — Assunto: Literatura dramática.

Parece que, finalmente, resolveram liberar a peça de Augusto Boal «Revolução na América do Sul» que a censura cabine de nossa democrática terra proibiu.

O diretor da Maison de France teve um belo gesto, dando seu auditório à disposição das Jovens Companhias Teatrais. Estréia no dia 31, com o Estúdio 53, dirigido por Carlos Murilho. Peça: «O Romance do Villelav de Francisco Pereira da Silva.

Palavras Cruzadas

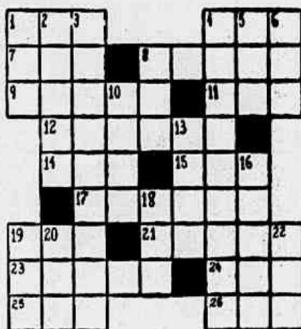
F. Lemos

PROBLEMA Nº 6

HORIZONTAIS: 1 — Dez vezes cem. 4 — Parte inferior e dependente de certas peças de vestuário. 7 — Nome próprio masculino. 8 — Cidade de França. 9 — Trabalho penoso e aturado. 11 — Caminhão; estrada. 12 — Que tem devoção ou zelo pelas práticas religiosas. 14 — Mas; serve para ligar uma proposição a outra. 15 — Côlera. 17 — Escorar as águas de terrenos alagadiços. 19 — Nome da letra grega correspondente a E ou H. 21 — Aparelho receptor. 23 — Quociente da divisão do total de diferentes quantidades pelo número destas. 24 — Medida agrária. 25 — Do verbo AMAR. 26 — Não entra.

VERTICAIS: 1 — Moléstia. 2 — Enraivecido; colérico. 3 — Estado contrário à servidão. 4 — O ralar da manhã (plural). 5 — Antigo título turco dado aos oficiais superiores do exército otomano, bem com aos altos funcionários. 6 — Membro empenado das aves. 8 — Anel. 10 — Pôr ovos. 13 — Vasilha de adu-

las, espécie de dorna, que serve para transportar água. 16 — Grande ave rapadora, semelhante ao papagaio. 18 — Época. 19 — Ave perneta. 20 — De verbo TER. 22 — Soberano.



RESPOSTA DO PROBLEMA Nº 5

HORIZONTAIS: 1 — Acaia; 6 — Tramóia; 8 — Pá; 9 — Rás; 10 — C4; 12 — Expor; 14 — Pôr; 15 — Iaiá; 16 — Arrr; 17 — Ada; 18 — Amora; 19 — S6; 20 — Ato; 21 — Ir; 22 — Rosália; 25 — Sarar. VERTICAIS: 1 — Ar; 2 — Caroa; 3 — Aman; 4 — SOB; 5 — Ol; 6 — Taxador; 7 — Acorraia; 8 — Pelas; 11 — Arara; 13 — Pia; 14 — Prô; 16 — Amola; 18 — Astar; 20 — Ass; 23 — Os; 24 — Ir.

4 novidades de Pequim

- 1 — El triunfo del marxismo-leninismo en China, de Kiu Shao-Chi 25,00
2 — El gran Decenio, de Chou En Lai 25,00
3 — La Gran Unidad Del Pueblo Chino y La Gran Unidad del Mundo, Deng Siao-Ping 15,00
4 — Mantener en Alto la Bandera Roja de la Linea General del Partido y las Ideas Militares de Mao Tse-Tung, Avanzar a Pasos Agigantados, Lin Biao 15,00

Livraria das Bandeiras Ltda. Rua Riachuelo, 342 — Loja 2 Fone: 36-4871 — São Paulo

Atendemos pelo reembolso postal.

Carapeba

Conto de WALTER PEDROSA

Publicamos neste número mais um conto de autor inédito em livro. Walter Pedrosa de Amorim é um jovem estudante da Escola de Engenharia de Alagoas e colaborador de A VOZ DO POVO, onde mantém uma coluna semanal. Firmemente decidido a dedicar-se à literatura de ficção, Walter Pedrosa trabalha com afinco nesse terreno, disposto a vencer em breve a barreira editorial. Leitor de NR, enviou-nos seu CARAPEBA, desajeitado de vê-lo figurar neste rodapé da página seis. Nêle descobrimos qualidades.



As passagens se sucedem ritmadas e do mesmo tamanho. Insensivelmente o sentido as conta. Mesmo sem querer, marca-as. Contas, duas, três, dez, cem, duzentas, trezentas e tantas passadas. Rua pequena. De princípio ao fim, só tinha trezentos e tantos passos. Contados e recontados. Pelos vários meses de vigia noturna. Como pelas inúmeras idas e vindas durante uma só noite. Monotonia abusada.

Do lado direito da ruazinha, dos números pares, residências de doutores. Do esquerdo, impar, a de misérrimas coisas. Bacharéis, médicos, coronéis. Rua de rico. Semão, teria plantão para guardá-los o sono? E isso mesmo. Vida é para quem é, e não para quem quer. E isso mesmo. Outros sem nada.

Lá no fim do trecho par, a Rádio, tendo vigia próprio. Caleiro, colega velho. Companheiro de cadeia. A única pessoa com quem fala no serviço. Os patrões, nem boas-noites. mesmo, dormem cedo, Apagam logo as luzes. Cusambada. Depois que mataram o cachorro e cachorra com uma pessoa para tomar conta da rua. Contavam-se entre si, e pagavam ao homem. Vinte e tantas casas. Quase todas ajardinadas. Fácil para os ladrões pular o muro baixo, fazer o ratelido. Torneira, cano de ferro, mangueira de água, panela esquecida. Num desses assaltos chiffrins, o malandro topou o cachorrão enorme que lhe pôs as patas no peito e abriu a bocarra. O diabo que o bichinho era manso, queria talvez brincar. O moleque não esperou tempo ruim. O bicho parecia um monstro. Tacou-lhe a face. Só deu-lhe um olho, e bicharoco não fôo no cimento do terraço.

cha, fazia tempo. A cabrocha gostava de macumba. Foi, não foi, no changô. Mulher deixou disso. Não deixava. Quando apareceu um esquecimento nas pernas, nunca ouviu falar em doença dessa. Proibira a mulata de ir ao cambêlo, ela tavacava-lhe moçada. Não podia ser outra coisa. Virou a cabeça com a história. Olhava para a mulher, via o desejo maldito. Mulher da peste. Antes que acabasse com ele de felício, acabava com ela no buranhim. A doença piórando, meteu o satanês em riba da sujeita, rasgou-lhe as carnes na peixeira. Quando se viu livre da moamba, estava preso, com três anos para cortar.

Já o Caleiro, matou bem morto. Cabra em cima da amante dele, ele no lombo do cabra. Macho. Serviço bem feito, muitos anos de cadeia.

A sorte espalha e o diabo junta. O vento espalha e o diabo junta.

Agora a ventania está igual. A diversão é a música dos mosquitos. Matã-los de tapa. A diversão central perto. Apito, burruído. Chateação danada.

De uns dias para cá, Carapeba anda estranho. Sonhando com coisas, besteira. Talvez a didática esteja voltando. A fúria da noite, passando na rua, cuidando do sono dos ricos. Adoece qualquer um. Não dura gente nesse serviço. Negro, italiano, em vez de dormir por aí, sempre murmurando, a barrina chora de boas coisas, abraçados mais à mulher bonita. O negro infeliz na rua, acordando com o frio. Pensando que é a outra mulher que tem por aí. Ou então, pensando que é a outra mulher que tem por aí. Ou então, pensando que é a outra mulher que tem por aí.

de corda. Os mosquitos zunindo, mordendo os braços. O apito fino de guarda-freio na estação. O maquinista responde curto, entra no desvio, engata. O choque dos carros estronda. Fazer manobra uma hora dessa... Gente praguejada. Os guarda-freios, os maquinistas e os vigias. Se ouve tudo da rua, atrapalha a conversa. Filhos da mãe de zoadeiras. Prá lá, azar. Plitigantia com farinha e café.

Se levanta, vai na esquina, olha o tempo. Conta os passos pelo calçamento, vai até a outra esquina. Calma e quietude. Passa de uma hora, as estrelas brilham no céu limpo. As fibras cheirosas, nos castelos. Tudo é silêncio e frio. Bossegaram lá pela estação. A batida no changô torna-se nítida. É a para éle. Mulher desgraçada. Não tem sorte com fêmea. Coceira para si coçar. Vagabundas. Ordinárias. Não valem o que o gato enterra.

Volta sobre as passadas, senta no batente em frente do Caleiro. Calado, passando a fumaça, espantando os maruins. O tambor batendo longe.

— Tá ouvindo um baticum, Caleiro? — Não, nada, Carapeba. — Escute direitinho. É a mulé fazendo feitiço para me derrubar. Como a outra. Essas bube são tudo iguar. Metolhe a desgruta.

Caleiro frita o peito na sua frente. Está ficando foveiro de só trabalhar de noite e dormir de dia. Feito cobra quando desocasa. Bem batado o apelido na cadeia. Esse moleque infeliz é maluco mesmo. Qualquer dia desse faz uma aneira com a mulher, com esse negócio de macumba. Termina trancafiado.

O vigia da Rádio veio cochilar lá para dentro, e da rua conta as passadas nos paralelepípedos. Nem um pé de pessega. O baticum ressoa claro. O ricao já deve ter pegado no sono. As casas com jardim se estendem dos dois lados. A aragem espalha o perfume das rosa-dálias. O trem reconece. A aragem espalha o perfume das rosa-dálias. O trem reconece. A aragem espalha o perfume das rosa-dálias. O trem reconece.

Caleiro frita o peito na sua frente. Está ficando foveiro de só trabalhar de noite e dormir de dia. Feito cobra quando desocasa. Bem batado o apelido na cadeia. Esse moleque infeliz é maluco mesmo. Qualquer dia desse faz uma aneira com a mulher, com esse negócio de macumba. Termina trancafiado.

A surra expulsou a escuridão e deu por feita a jornada. De manhã, pelas dez horas, Carapeba chega na casa do amigo, duas galinhas debaixo do braço. Caleiro desconfiado, pergunta os motivos.

— Deixei a mulé. Ela viajava. Sumir. Grande as galinhas para eu não voltar. Ela via indo até de dia para a macumba. Não quero retornar para a grade. Quem apanha, aprende. Gato acordando de água fria, tem medo. A Adeus. Caleiro enlourece, despediu-se frio, guardou as galinhas. Não quer passar. Arranjaram outro vigia para a rua. Minuim e o paradeiro do negro infeliz. Falam nêle de vez em quando.



Governo cubano é honesto

LARRAZABAL COM EXCLUSIVIDADE PARA NR

Povos da América Devem Apoiar Revolução Cubana

Para o contra-almirante Wolfgang Larrazabal, que conhece de perto Fidel Castro e outros dirigentes cubanos, o atual Governo revolucionário de Cuba é honesto, conta com o apoio maciço do povo e está tomando medidas importantes de defesa da economia de seu país. Por isso merece o apoio de todos os latino-americanos.

«O problema agrário da Venezuela pode ser descrito em poucas palavras da seguinte maneira: enquanto a maior parte das terras é conservada sem aproveitamento nas mãos de um pequeno número de grandes proprietários, setecentos mil pequenos proprietários se comprime na superfície restante. O latifúndio, por um lado, e o minifúndio, pelo outro, são os dois grandes males da agricultura venezuelana», afirmou o contra-almirante Wolfgang Larrazabal, chefe da junta militar que derrubou Pérez Jiménez e atual embaixador de seu país no Chile.

do o limite máximo de 500 hectares para as propriedades agrárias. Isso levará forçosamente à divisão das terras. O que é preciso é que a lei seja cumprida efetivamente, e não permaneça no papel. A lei não é radical, uma vez que não toca na propriedade sobre a terra. Entretanto, pode ser uma solução para a atual miséria dos camponeses venezuelanos, se for levada à prática rigorosamente. Não basta, porém, dar terra ao camponês. É preciso prestar-lhe assistência técnica e financeira, fornecer-lhe instrumentos para que possa trabalhar a terra.»

Apoio a Cuba

Pedimos ao sr. Larrazabal sua opinião sobre a revolução cubana. Depois de esclarecer que não estive em Cuba ultimamente, afirmou:

Referindo-se à lei de reforma agrária recentemente votada pelo Congresso venezuelano, disse Larrazabal:

«A lei determina o regime de posseção das terras incultas, fixan-

estar seguramente informado que a honestidade do atual governo cubano criou condições para que os trabalhadores do país possam produzir e aumentarem os recursos do Estado. Os cubanos se dedicam com todo o entusiasmo a realizar tarefas e medidas que venham defender sua revolução. Por outro lado, as medidas tomadas pelo Governo revolucionário para defender a economia de Cuba são extremamente importantes. De qualquer forma, o certo é que toda a América deve dar seu apoio total a essa revolução.»

Sobre a conferência dos países subdesenvolvidos, disse Larrazabal:

«É muito interessante a reunião convocada para Havana porque possibilita ouvir os países subdesenvolvidos de nosso hemisfério que sentem os mesmos problemas que nós, e dos quais devemos nos aproximar. Só esse fato basta para que a Conferência seja um êxito, ainda que não tivesse outros méritos. As nossas relações com esses países da África e da Ásia já existem graças ao contato entre as delegações na ONU e em outros órgãos e agências internacionais. Mas em Havana, poderemos reunir a eles para discutir problemas que nos interessam a todos, o que justifica plenamente a realização da conferência.»

Concluindo, o sr. Wolfgang Larrazabal acentuou que vê com muita simpatia a Operação Pan-Americana como instrumento de aproximação entre os países latino-americanos, e enviou sua saudação ao povo brasileiro através de NR, «que, como o nome indica, reflete a nova realidade brasileira.»

Cuba: JB denuncia agências

O Jornal do Brasil fez, em editorial, um balanço da visão de políticos e jornalistas brasileiros a Cuba: «Parece-nos que de maneira geral encontramos dois denominadores comuns: a apatidão dos propósitos dos líderes revolucionários e a distorção de notícias espalhadas pelas agências telegráficas.»

Como quem diz isto é um jornal solidamente conservador, a denúncia ainda é mais meritoria. As agências imperialistas, segundo o Jornal do Brasil, têm muita responsabilidade na distorção da opinião pública por veicular falsas notícias, contribuindo para uma condenação precipitada em contradição com a verdade.

O J. B. não fala, é claro, que existe uma campanha latente e executada com todo o rigor para caluniar o Governo revolucionário, não diz que as notícias distorcidas são parte de uma política de guerra a Cuba, mas isto nos dizemos por ele.

POLITICA IANQUE DE BOA-VIZINHANÇA

“Nós Somos os Bons; Os Vizinhos São Eles”

Estêve no Brasil na semana passada uma missão cubana composta do dr. Carlos Olivares, responsável pelas relações internacionais do «Movimento 26 de julho» e de um líder sindical e dois líderes estudantis. O propósito específico da missão era convidar jovens brasileiros para participar do Congresso Latino-Americano de Jovens, a ser realizado em julho, em Havana.

Definindo o objetivo de sua missão, o dr. Olivares disse a NR que ela visava a «promover a solidariedade latino-americana nesta hora que acreditamos ser não só a hora de Cuba, como também a grande hora da América. Sabemos que essa solidariedade não será possível com muitos governos, mas queremos mostrar ao mundo que entre os povos da América Latina, os operários, os camponeses, os oprimidos de nosso Continente há e haverá vinculação e solidariedade permanente para a defesa comum de nossos grandes propósitos libertários.»

Porque não há eleições

Um dos pontos mais explorados pela reação para caluniar a revolução cubana é a não realização de eleições. Um conhecido jornal entreguista do Rio chegou mesmo a atribuir a Fidel Castro a afirmação de que as eleições na América Latina são um mito. Pedimos então ao dr. Olivares que esclarecesse a questão.

«Em primeiro lugar, se fossem realizadas eleições agora, pelo menos 90% do votos seriam a favor de Fidel. O Governo não tem medo de eleições. Quanto aos resultados, as eleições só podem interessar ao Governo. O próprio povo é que não vê interesse algum na realização de eleições neste momento. As eleições sempre foram em Cuba uma forma de coonestar o regime arbitrário dos latifundiários, dos imperialistas e de seus agentes. Com o triunfo da revolução, o próprio povo tomou o poder em suas mãos e o utiliza. Não é lógico, pois, que se realizem eleições antes de liquidar os elementos antipovo, que se serviam do poder contra a vontade das massas; sem a liquidação definitiva dos interesses antipovo não se pode, em boa lógica popular, pensar em eleições.»

«O maior interesse do povo é consolidar seu domínio, acabar com os privilégios das minorias usurpadoras. Ao mesmo tempo que se consegue a independência econômica do cidadão, única forma de garantir sua plena liberdade de critério, o povo de Cuba se esforça para erradicar o analfabetismo e realizar sua reeducação moral e intelectual. Quando tais objetivos forem alcançados pelas massas do país, nada mais lógico do que se pensar em eleições. O Governo revolucionário, conseqüente com essas novas realidades, convocará, então, as primeiras e únicas eleições verdadeiras jamais realizadas em nosso país.»

Cuba e os EUA

Diante das relações tensas entre Cuba e os Estados Unidos, provocadas pelo imperialismo norte-americano, um dos problemas do Governo

revolucionário é o da base militar ianque de Guantánamo, parte do sistema de agressão dos Estados Unidos. Perguntamos ao dr. Olivares quais os problemas criados pela base.

«O Governo revolucionário e o povo de Cuba se sentem preocupados nos últimos tempos pelas demonstrações dadas pelas autoridades dos EUA destacadas na base de Guantánamo no sentido de que essa base possa ser utilizada como trampolim para uma agressão contra a soberania de nosso país. Entre inúmeros fatos que causam preocupação ao Governo cubano, citarei os seguintes:

1) as autoridades militares da base estão promovendo o despejo em massa de trabalhadores cubanos fiéis à revolução, substituindo-os por homens que pertenceram ao exército do ditador Batista, e que foram expulsos de seus postos pela revolução;

2) o secretário-geral da entidade dos trabalhadores, Frederico Figueras Larrazabal foi despedido de seu trabalho porque denunciou através da imprensa um plano de auto-sabotagem que estava sendo planejado na Base para justificar uma agressão armada contra Cuba. O líder Figueras conclamou os trabalhadores a redobram sua atenção para evitar qualquer «acidente», propositado ou não.

3) a Base realiza um intenso programa de atividades de propaganda, inclusive usando papel e material militar para advertir os cidadãos norte-americanos do suposto «perigo comunista», numa intervenção aberta em nossos assuntos e mostrando uma atitude hostil ao Governo revolucionário;

4) vários criminosos de guerra e elementos contra-revolucionários encontraram asilo na Base de Guantánamo e dali mantêm contato permanente com agentes da rea-

ção que operam em Cuba, elaborando planos de agressão contra nosso país.»

O caso do açúcar

«Nosso país, através da resolução sustentada como princípio fundamental nas relações internacionais que se deve estabelecer o intercâmbio com todas as nações do mundo, inclusive os Estados Unidos e sem excluir a URSS prosseguiu o Dr. Olivares. Até a revolução, nosso país era monoprodutor e dependia fundamentalmente de um mercado. O açúcar era a base fundamental de nossa economia e, portanto, seu comprador preferencial se autoproclamava «o pai de nossa economia». A revolução resolveu diversificar o mais rapidamente possível nossa agricultura e industrializar o país.»

«Em vista da atitude autoritária do tal «pai» de nossa economia, nosso país deixou bem claro que as relações entre eles teriam que ser de igual para igual. Ai então começaram as intimidações e a chantagem econômica: ou desistimos da atitude de defesa de nossa soberania, ou são retiradas as cotas de importação de açúcar cubano pelos Estados Unidos. Isto mostra que continua vigorando a política de Dulles, segundo o qual «os EUA não têm amigos, e sim interesses». Por outro lado, não existe nenhum «bondoso» regime de cotas. Se consideramos as relações entre os Estados Unidos e Cuba em seu conjunto, comprovaremos que o regime de cotas asseguradas naquele mercado tem um efeito diferente do anunciado, por causa das excessivas obrigações a que submeteu nosso país, inclusive a compra de mercadorias exclusivamente nos Estados Unidos. Essa é a verdadeira face da chamada democracia norte-americana, assim se aplica com os países latino-americanos a política de boa vizinhança, onde bons só somos nós, e vizinhos só eles.»

Nota Internacional

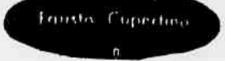
Ainda a África do Sul

Saindo de seu absoluto mutismo, o Hamarati deu finalmente uma nota de protesto ao Governo brasileiro contra a chacina brutal que é a base da política racista da União Sul-Africana. A nota dada a público pelo Ministério das Relações Exteriores prevê consultas com os outros países da América no sentido de adotar uma política comum de condenação ao verdadeiro genocídio praticado pelo Governo do fascista Verwoerd. A posição do Hamarati vem refletir o protesto quase unânime da opinião pública brasileira, representada pelos pronunciamentos de deputados, intelectuais, entidades sindicais, estudantes e líderes religiosos.

O fato é que também em nosso país vem repercutindo cada vez mais o grandioso processo de libertação econômica, social e política do continente africano, com a bancarrota do sistema mundial do colonialismo. A medida que o mundo colonial vai sendo substituído em todo o mundo, e em particular na África, essa nova realidade abre os olhos dos povos e obriga os governantes a se adaptar a ela, a despeito de sua vontade. É assim que vemos o Vaticano, depois de mil e novecentos anos, nomear um cardeal negro, e o Departamento de Estado condenar, inclusive no Conselho de Segurança da ONU, a política nazista da África do Sul. Passaram definitivamente os tempos da submissão dos povos coloniais pelos grandes impérios, o que é bem ilustrado pelo crescente prestígio internacional dos Estados independentes da Ásia e da África.

O processo de decomposição do colonialismo, entretanto, ainda não chegou ao seu fim, e a África do Sul não é um caso isolado. A espoliação a que estão submetidas as populações negras, muçulmanas e asiáticas, que na União Sul-Africana tomam formas mais sangüinárias e bandalísticas, ainda é o traço característico de grande parte da África. Por outro lado, a medida que se aproxima o fim do regime odioso de exploração colonial, a minoria branca dominante chega ao desespero de causa. Mesmo antes do atentado contra o fascista Verwoerd, a maioria dos dirigentes do Partido Liberal, pequena organização de brancos democratas da União Sul-Africana, foi arbitrariamente presa. Aproveitando-se do regime de emergência, o governo fascista realiza «razzias» nos bairros pretos, prendendo dezenas e dezenas de milhares de pessoas e mandando-as para os campos de trabalho forçado.

A persistência do regime da África do Sul em sua política de genocídio representa um sério perigo para a tranquilidade e a segurança dos povos da África e do mundo. A continuar o massacre, será impossível conter a reação justa e violenta dos negros do país e a solidariedade efetiva das populações dos países vizinhos. É este aspecto da questão é que tem de ser levado em conta pelo Hamarati, seja nas consultas que irá fazer, seja defendendo vigorosamente o direito das populações negras na ONU e onde quer que essa questão for colocada.



África - Sinal Dos Tempos



— Parece que também desta casa os gringos vão ser expulsos dentro de pouco tempo... — está dizendo uma das africanas ao ouvir o enorme escarcel que sai da «casa» do Congo Belga. A charge é de V. Andréiev, publicada no jornal «Strshel», de Sofia, capital da Bulgária.

Onde é feito o TIME?

Todas as semanas a revista ianque «Time», com uma regularidade de fazer gosto, despeja alguns quilos de calúnias e pseudo-informações sobre Cuba. As várias páginas inteiras são arcaicas a comentários e reportagens, naturalmente muito subjetivas, sobre a «situação comunista», os senos econômicos, a «desorganização administrativa», a «falta de liberdade», a «censura à imprensa» e outros assuntos de sua especialidade.

Vale a pena dizer, e isso pode ser comprovado por qualquer um que se dê ao trabalho de dar uma olhada numa edição de «Time», que a revista do sr. Henry Luce nunca foi atenta e crítica na época da ditadura de Batista. Apesar disso e da campanha de calúnias e mentiras contra o Governo revolucionário, a edição latino-americana de «Time» continua sendo publicada em Havana, graças a uma concessão de parte da «liberdade de imprensa» que se vê...

Nazista Oberlaender em «férias»

O Instituto de Documentação sobre os Crimes Nazistas contra os Judeus, sediado em Haifa, Israel, enviou ao Governo da República Federal Alemã provas documentais da culpabilidade de Theodor Oberlaender, carrosseiro de judeus de Laxo e ministro de Adenauer. Ao mesmo tempo, foi enviado a Oberlaender a acusação feita pelo presidente da República Democrática Alemã, para que fosse detido no processo a ser iniciado a 20 de abril, em Berlim.

Os representantes de Bonn que até agora defendiam Oberlaender e seus colegas, FS e Broedel, Glöckler, chegaram ao ponto de não mais permitirem fazer foto para inocentar Oberlaender e não mais permitiram o acesso ao país. Diante do elemento populista que há em Berlim, a acusação Oberlaender de ser um agente duplo foi divulgada no jornal «Frankfurter Allgemeine Zeitung».

Itália Governo Tambroni nasceu morto

O ex-que futuro governo do sr. Fernando Tambroni teve a mesma sorte que do seu antecessor Antônio Segni, começando no posto de primeiro ministro por ter que depender dos neofascistas do Movimento Social Italiano para constituir uma maioria reduzida. O sr. Tambroni conseguiu um voto de confiança de 3 votos, graças aos 24 votos dos fascistas. Isto mostra que nem os democratas-cristãos votaram em Tambroni.

Diante da continuação da crise, que hoje entrará no terceiro mês, o presidente Gracchi talvez convoque novas eleições parlamentares. O que é certo é que isto é mais possível continuar, como queria Tambroni, organizando governos puramente democratas-cristãos ou de aliança centro-direita. A situação não poderá ser encontrada, necessariamente, com mais razão, uma vez que o aumento do fôlego político agora, na Europa do Ocidente, tem sido apoiado por comunistas e socialistas.

CPOS: Unidade "Bossa Nova"

Reportagem de NILSON AZEVEDO
Fotos de EDSON GOMES



Newton Eduardo de Oliveira e Giovanni Romita, líderes gráficos, à esquerda, conversam à parte, acertando os pontos-de vista da corporação face a criação da Comissão Permanente das Organizações Sindicais do Distrito Federal.

Conversa à parte

Encerrou-se na noite de segunda-feira última, a III Convenção Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal. O conclave foi um dos mais expressivos até hoje realizados. Os 635 delegados que dele participaram foram eleitos, em sua maioria, nas fábricas, nos locais de trabalho e nas assembleias sindicais e representavam mais de um milhão de trabalhadores filiados a 61 entidades profissionais.

Antes de passarmos às resoluções, devemos salientar a amplitude das representações. Setores profissionais como o dos músicos, alôres teatrais, radialistas, assistentes sociais, portuários, professores e outras categorias quase sempre ausentes dos conclaves anteriores, enviaram os seus representantes à III Convenção, e dela participaram com entusiasmo. O conclave contou com a adesão de 43 sindicatos, 12 federações sindicais, e da União Nacional dos Servidores Públicos, União dos Servidores Municipais, União dos Portuários do Brasil, e Associação dos Servidores do IPASE.

Os delegados saíram dos seus locais de trabalho à tarde, lavavam as mãos, trocavam de roupa e iam participar das reuniões das comissões e das sessões plenárias que se realizaram à noite, quinta e sexta-feira, sábado à tarde e domingo, juntamente para que todos pudessem participar das suas discussões.

Com uma composição realmente expressiva, o plenário da III Convenção adotou importantes resoluções, entre as quais a que repele a intromissão de política partidária nos sindicatos, a que



Pego a palavra

Maciel Pinheiro Filho, da delegação do Sindicato dos Professores, pediu a palavra quando era discutida a tese sobre o projeto de diretrizes e bases para o ensino, e defendeu a participação de dois representantes sindicais nos Conselhos de Educação, sendo um dos professores e outro dos operários. Sua sugestão foi aprovada pela unanimidade dos congressistas presentes à reunião.

cria o Conselho Permanente das Organizações Sindicais (CPOS), a que estabeleça um plano de luta contra a carestia, pela autonomia do Estado da Guanabara, pela aprovação dos projetos de interesse dos trabalhadores e do país, notadamente os que visam ao desenvolvimento econômico do Brasil.

Comício contra a carestia

Ficou decidida a realização do Dia de Protesto, programado para 31 de maio, encerrando-se com um comício monstro, na Esplanada do Castelo, às 18 horas. Nesse dia os trabalhadores e

suas famílias não farão compras. A palavra de ordem do Dia da Omissão foi substituída pela de Dia de Protesto contra a carestia de vida, em defesa da Lei Orgânica da Previdência Social, do Direito de Greve, de justas diretrizes e bases para a educação nacional, conforme o estudo apresentado pela União Nacional dos Estudantes, incluindo, apenas, um representante dos sindicatos, e dos professores, no Conselho Federal da Educação. A III Convenção decidiu também lutar pelo Plano de Classificação de Cargos dos funcionários federais e municipais.

Repelida a política partidária

Uma das novidades surgidas na Convenção foi o debate sobre a filiação dos sindicatos a partidos políticos. Os convencionais repeliram, por unanimidade, o projeto do deputado Oswaldo Lima Filho, líder do PTB, que introduziu modificações na CLT, visando a permitir a realização de política partidária nos sindicatos. Os trabalhadores consideraram que: 1) a introdução de política partidária no movimento sindical constituiria grave ameaça à unidade da classe operária e enfraqueceria sua capacidade de luta; 2) que os êxitos alcançados pelo movimento sindical se devem justamente a sua unidade, feita por cima das divergências político-partidárias, ideológicas ou religiosas, em torno dos interesses da classe operária e do povo; 3) que o movimento sindical deve pressionar a todos os partidos políticos, indistintamente, para que apoiem suas lutas e defendam os interesses dos trabalhadores e que, por isso, não pode subordinar-se a qualquer partido. Ao condenar todas as medidas que visem a introduzir no movimento sindical a política partidária, os trabalhadores salientaram que apoiarão qualquer partido político e ao Governo, sempre que estes se alinhem a favor do Brasil, na luta emancipadora e democrática do nosso povo, mas, por outro lado, saberão criticá-los, sempre que eles se afastem dessa luta.

Organização permanente

Os trabalhadores cariocas passaram em revista os seus problemas e aprovaram um vasto plano de ação. Para coordenar a execução desse plano, assegurando a unidade de esforços, os convencionais decidiram criar a Comissão Permanente das Organizações Sindicais do Distrito Federal. (A CPOS é a nova sigla de unidade dos trabalhadores cariocas. O novo órgão será composto de representantes credenciados pelos sindicatos, federações, associações profissionais, delegações regionais das confederações, federações e sindicatos nacionais, conselhos consultivos regionais.

A representação das entidades será na base inicial de um delegado até 500 associados; dois, até dois mil; três, até cinco mil; e quatro, de cinco mil em diante. A Comissão Executiva é composta de 11 membros, e a sua atividade

será determinada pelo plenário deliberativo, que se reunirá ordinariamente de quatro em quatro meses. O plenário será composto de representantes de todas as entidades sindicais e profissionais do atual Distrito Federal.

A Comissão Permanente das Organizações Sindicais terá uma secretaria própria, constituindo subcomissões de estatística e economia, de sindicalização e organização, de estudos e reformas das leis sociais trabalhistas, e de intercâmbio sindical. Os convencionais elegeram, por unanimidade, a Comissão Executiva Provisória da CPOS, que ficou constituída dos dirigentes Ari Campista, Benedito Cerqueira, Floriano da Silveira Máciel, Hércules Correia dos Reis, Sebastião Luís dos Santos, Jaime Correia, Ernesto Fonseca, Geraldo da Costa Matos e Argemiro Rocha Júnior.

Problemas nacionais

Analisando todos os aspectos relacionados não apenas com a sua atividade particular, mas também com os problemas da cidade e de todo o país, os trabalhadores cariocas aprovaram medidas objetivando conseguir do Congresso Nacional urgência para os projetos relativos a: regulamentação da remessa de lucros e royalties para o exterior; nacionalização dos bancos de depósitos e das companhias de seguro; estabelecimento do monopólio da Petrobrás na importação de petróleo e derivados; medidas de reforma agrária, extensão aos trabalhadores rurais das leis de proteção ao trabalho; aprovação dos projetos que insinuam a Eletrobrás, a Petroquímica, e a Dispetrol; direito de voto ao analfabeto, ao soldado, ao marinho, e ao pessoal de bordo quando em viagem ou fora da circunscrição eleitoral; instalação da indústria aeronáutica e criação da Aero-brás.

Ficou também decidido que os sindicatos realizem em suas sedes palestras ou ciclos de conferências sobre os problemas fundamentais do país, obje-

Congresso e Brasília

Considerando de justiça que os trabalhadores brasileiros prestem uma homenagem ao mais novo Estado da Federação, o da Guanabara, que será criado com a mudança da Capital para Brasília, os cariocas sugeriram que o próximo Congresso Nacional dos Trabalhadores seja realizado nesta cidade, instalando-se no dia 14 de julho próximo. As teses para o próximo conclave passarão a ser discutidas, desde agora, nos sindicatos e locais de trabalho.

Quanto à mudança da Capital, decidiram os trabalhadores pugnar pela criação do Estado da Guanabara com eleição dos poderes constituintes e executivos, garantindo, desde a transferência da Capital, a total autonomia do novo Estado. A mudança da Capital para Brasília foi saudada como um acontecimento de grande importância para a vida do país. Ao discutirem sobre a mudança dos órgãos federais para Brasília, os delegados à III Convenção decidiram solicitar a posse do edifício Ministério do Trabalho, para que nele funcione o Palácio das Entidades Sindicais.

Deste modo, todas as resoluções adotadas refletiram, mais do que nunca, o pensamento do homem simples que via as riquezas da Capital da República.



Campista cansou

Representantes de todos os trabalhadores do Distrito Federal estiveram reunidos durante seis dias, discutindo todos os problemas das massas laboriosas. As discussões revelaram entusiasmo, mas ao mostrar a cansada. Ari Campista que levava com a mão aos olhos, enquanto

de Distrito Federal estiveram reunidos durante seis dias, discutindo todos os problemas das massas laboriosas. As discussões revelaram entusiasmo, mas ao mostrar a cansada. Ari Campista que levava com a mão aos olhos, enquanto

NOVOS RUMOS

Histórias da Previdência Social

Várias vezes tenho sido procurada por pessoas que se queixam da previdência social. Pudera! Não sei até onde essa Lei de Previdência, que se arrasta no Senado, vai atender a tantas queixas. Esouço, geralmente, as mesmas histórias. Por exemplo: a história de pessoas que não têm, ainda, 55 anos de idade, mas que já trabalharam 30 e mais anos, contribuindo desde a fundação do Instituto correspondente às suas atividades, e se encontram, apesar do tempo, do cansaço, do dinheiro pago, à margem dos benefícios da Previdência Social. Acontece que a fábrica fecha ou os patrões se saturam do trabalho do empregado e o acórdão é impeditivo. Trinta anos de trabalho! Trinta anos manejando um tear, mantendo um forno ou consertando peças. Trinta anos, durante os quais o trabalhador não recebeu os meios para viver dignamente, humanamente, e não ser um pequeno salário, insuficiente, descontentado para vários fins, insignificante, miserável, que só deu, em três décadas, para mantê-lo vivo. São criaturas com a aparência gasta, maclenta, envelhecida. Não conseguem emprego. Ninguém deseja empregar um velho ou uma velha, muito embora eles precisem muito mais até de que os jovens. As empresas precisam de jovens, para gastá-los até despedi-los, como a esses, que em condições injustas de trabalho envelheceram, antes que o tempo o fizesse. Volta-se, então, o trabalhador de tantos anos para o posto de benefício dos Institutos. O médico, então, exige a doença, ou uma determinada doença, de acórdão com os regulamentos. E' preciso ter uma lesão no estômago, na cabeça, no coração, em qualquer órgão. Uma doença com nome e sobrenome. E' verdade que o associado tem várias doenças. As pernas não ajudam. O corpo não obedece ao desejo de atividade. Mas a doença deve ser de outro tipo. E agora? Poderia pagar em dobro, para não perder a qualidade de associado. E o dinheiro, se está desempregado? As vezes, falta um ano, dois, três, para completar a idade limite de 55 anos e ter direito à aposentadoria. Acabam perdendo as contribuições pagas, durante anos e anos, que, bem ou mal, representavam uma esperança. São as histórias edificantes do capitalismo, onde o homem, o seu trabalho, o seu cansaço, o dinheiro arrancado da boca das crianças que, sempre, estão pedindo mais pão, valem muito pouco, para o futuro, para a segurança, para o descaço da velhice, embora se transformem em milhões nas contas bancárias dos empregadores.



Bala assassina

Nas mãos de um popular a prova do vandalismo policial. Essa bala não foi perdida: fez uma vítima. Dois mortos e mais de uma dezena de feridos constituíram o trágico balanço dos acontecimentos em Catanduva.



Tudo perdido

Os recursos da medicina não puderam evitar o crime que a polícia praticou. No feito da Santa Casa, o jovem Avelino Gonçalves, 20 anos de idade, expira sob as vistas de seus familiares desesperados ante o drama que os atingiu.

DOIS MORTOS E NUMEROSOS FERIDOS

Fogo da Ira Popular Iluminou Catanduva

CATANDUVA (Do Correspondente)

— A intervenção violenta e selvagem da polícia contra o povo que realizava uma manifestação pacífica de protesto contra o aumento de tarifas de força e luz, transformou as ruas centrais desta cidade, nas noites dos dias 2 e 3, em verdadeiro campo de batalha. Agressões covardes e fuzilamento indiscriminado dos manifestantes reunidos em frente à sede da Companhia Nacional de Energia Elétrica, incendiaram a ira popular e levaram à depredação das instalações da empresa. Dois mortos e numerosos feridos, alguns em estado grave, foi o balanço final dos trágicos acontecimentos provocados, única e exclusivamente, pelo vandalismo da polícia.

Em Catanduva, como em numerosas outras cidades do interior de São Paulo, as populações estão em permanente estado de tensão contra as empresas distribuidoras de energia elétrica, em virtude do péssimo serviço por elas oferecido em troca de tarifas cada vez mais elevadas. A população da cidade de há muito exigia a normalização dos serviços pela CNEE, eliminando de uma vez por todas os frequentes cortes no fornecimento. Recebeu, em troca, um novo aumento.

O protesto

Convocada para a tarde do dia 2, uma mesa-redonda da qual deveriam participar autoridades municipais e os diretores da empresa, a população ficou aguardando os seus resultados. Estes não vinham, assim como, ao anoitecer, não veio também a luz. Mais um dos habituais defeitos deixou a cidade às escuras. Por volta das 19 horas populares foram-se concentrando em frente à sede da companhia. À tarde já se realizara uma passeata de estudantes, de protesto contra o aumento das tarifas. Logo se iniciaram as manifestações contra a empresa, os mais exaltados tentando furar o cordão policial estabelecido em torno do edifício. Bombas de efeito moral foram lançadas, ouviu-se a primeira fuzilaria. Tombaram as primeiras vítimas. A brutal agressão enfebreceu os manifestantes, cujo número aumentara de muito.

Campo de batalha

As ruas da cidade transformaram-se em verdadeiro campo de batalha. Armando-se de paus e pedras, os populares, irados com as violências cometidas pela polícia, investiram contra o edifício da empresa. Com a chegada de reforços, os soldados fizeram novas investidas contra os manifestantes, atirando para matar. Um caiu, o jovem José Leite Penteado, que teve o abdome perfurado por uma bala de fuzil.

A fuzilaria se repetia a cada avanço dos manifestantes. Tiroteio indiscriminado. E novas vítimas tombavam ao chão.

Invasão

Por volta das 22,30 horas a batalha cresceu de intensidade. A mas-



Quem pagará essa vida

José Leite Penteado, 22 anos, casado, pai de uma filhinha de três meses. Uma bala no abdome, disparada por um soldado, matou-o. A população de Catanduva exige que se apurem as responsabilidades; quer a punição dos culpados, dos que mandaram atirar contra o povo indefeso que manifestava pacificamente seu repúdio ao aumento de tarifas à deficiência dos serviços de força e luz fornecidos pela CNEE.

sa popular, que cercava o edifício da CNEE rompeu o cerco estabelecido pelos soldados e passou a depredá-lo. Em outros pontos da cidade, onde havia instalações da companhia, a fúria popular se fazia sentir. Um depósito da empresa foi invadido, destruído e incendiado todo o material que se encontrava no pátio.

Prosseguem as manifestações

Também no dia 3, domingo, prosseguiram as manifestações. A indignação popular atingira tal grau, que mesmo a presença na cidade de mais de duas centenas de soldados vindos de diversos municípios vizinhos para reforçar o destacamento local não impediu a eclosão de novas manifestações.

Uma farmácia de propriedade do subdelegado de Polícia, Urbano Sales, um dos responsáveis pelo massacre de populares, foi atacada e destruída pelo povo revoltado (isso por volta de 21 horas do dia 3). O sargento José Benedito Júlio, comandante do destacamento que primeiro abriu fogo contra os manifestantes, teve sua residência depredada e incendiada por populares.

Mais um morto — Muitos feridos

Avenida Gonçalves, um dos atingidos pela fuzilaria dos soldados, faleceu na Santa Casa na manhã do dia 3. Doze populares atingidos por disparos foram recolhidos também ao nosocômio, apresentando o estado de alguns deles, certa gravidade.

A selvageria dos policiais provocou indignação na cidade e protestos do prefeito e vice-prefeito, srs. Antônio Stocco e Irajá Silva, que denunciaram imediatamente a Companhia e a polícia como únicos responsáveis pelos acontecimentos.

Encampação

Após o entardecer do dia 4 voltou a reinar a calma na cidade, submetida a verdadeiro estado de emergência e com suas ruas sob numeroso e ostensivo policiamento. A indignação popular voltou a se manifestar durante o enterro de uma das vítimas do tiroteio. No sepultamento de José Leite Penteado, um cartaz dizia: «Este corpo pede Justiça». Nas ruas da cidade também podiam ser vistos cartazes com dizeres condenando a empresa distribuidora de energia elétrica e denunciando os responsáveis pela chacina.

Os trabalhadores da cidade se declararam em greve de protesto contra as violências, exigindo a punição dos culpados.

A eclosão dos acontecimentos levou as autoridades municipais, com o apoio da população, a exigir do governo do Estado a imediata encampação da Companhia Nacional de Energia Elétrica. A reclamação foi feita também pela Câmara de Vereadores da cidade, que a justificou tendo em vista os enormes prejuízos que a empresa vem causando ao município, ao fornecer de forma deficientíssima energia elétrica para alimentar as indústrias existentes no município e impedindo a instalação de novas.

Só intervenção

A exigência, ao que tudo indica, não será recebida pelo governador Carvalho Pinto que, ao enviar um representante para discutir o problema da CNEE com as autoridades da região, orientou-o no sentido de assegurar que os prefeitos das cidades servidas pela CNEE se conformassem com a decretação da intervenção na cidade, a empresa «até que a mesma normalize seus serviços».

A encampação foi reclamada da tribuna da Assembléia Legislativa do Estado, na sessão plenária do dia 4, por parlamentares dos diversos partidos representados naquela Casa. Denunciaram os deputados, por outro lado, as violências cometidas pela polícia, tendo sido reclamada a constituição de uma comissão parlamentar de inquérito para apurar irregularidades cometidas pela empresa de força e luz.

Inquietação no Estado

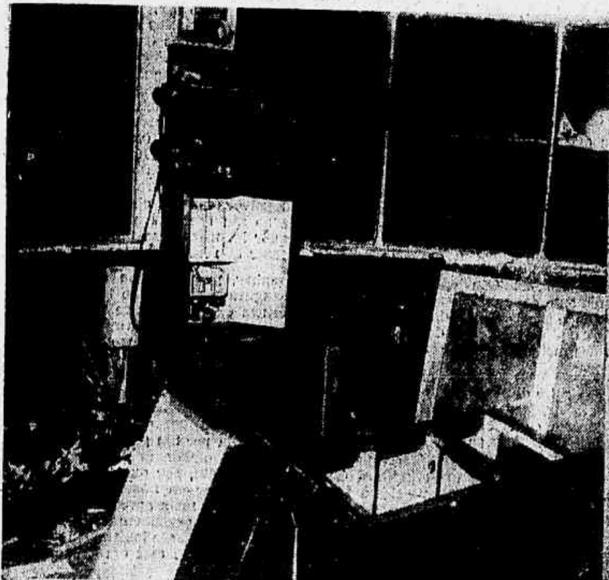
A ocorrência dos lamentáveis acontecimentos de Catanduva, provocou comoção e inquietação em numerosos outros municípios do Estado que têm os mesmos problemas desta cidade em relação ao fornecimento de energia elétrica. Em Pirajuí, onde o prefeito já exigiu da companhia distribuidora de força e luz o cumprimento dos contratos firmados há 40 anos, Rio Claro e Araras o policiamento estava reforçado temendo as autoridades a repetição das manifestações de Catanduva.

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 15 a 21 de abril de 1960

Nº 59



O assalto em três tempos

Após travar uma verdadeira batalha campal com as chamadas «forças da ordem» (a polícia que só fez irritar mais os ânimos da população), enfrentando a fuzilaria e os espancamentos, a multidão

venceu a barreira estabelecida pelos soldados e invadiu as dependências de um depósito da Companhia Nacional de Energia Elétrica de Catanduva. Destruição das instalações e escritórios (foto à es-

querda), foi o primeiro tempo. Depois, o fogo a devorar tudo, apesar dos esforços dos bombeiros (foto ao centro); e, por fim, o retrato final, a imagem da explosão de um povo cansado de ser ex-

plorado por uma empresa sem escrúpulos. Na manhã seguinte aos acontecimentos que enlutaram Catanduva, os edifícios da CNEE apresentavam as marcas do protesto popular contra os clamoros e a falta

de responsabilidade: seis milhões de cruzeiros de prejuízo em instalações e material perdidos. A foto à direita é de um dos depósitos assaltados e destruídos pela multidão irada.

PAGOU A PÉSO DE OURO A TERRA DO MORRO DE SANTO ANTONIO

Dinheiro da Sursan Sumiu no Atêrro do Flamengo

Esgotado o prazo estabelecido no acordo entre os empreiteiros e a Sursan, estão novamente ameaçados de paralisação as obras que a autarquia realiza no Distrito Federal. Os construtores não receberam há dois meses e a dívida atingiu o montante de 160 milhões de cruzeiros (15% do débito de um ano da Prefeitura para com os empreiteiros).

O novo atrito criado, que põe em perigo a execução de obras de vital importância para o desenvolvimento da cidade que deixará de ser capital do país para se transformar num Estado, leva a interrogações baseadas na lei 899, de 28 de novembro de 1957, que criou a autarquia e destinou à mesma um Fundo Especial de Obras Públicas, correspondente a 10% dos impostos de venda e consignações, territorial, predial, de indústrias e profissões, licenças para veículos, licença para localização de estabelecimentos e transmissão «intervivos» e «causa mortis».

Nestes dois anos de existência, a Sursan recebeu bilhões de cruzeiros para executar as obras especificadas no seu Plano de realizações.

Onde foram parar esses bilhões? Tê-los-á, de fato, a Sursan empregado em obras destinadas a beneficiar os habitantes do Rio de Janeiro? É o que procuraremos deslindar para os leitores no curso da série de reportagens que hoje iniciamos.

Dois bilhões em dois anos

Recentemente, a Associação Comercial do Rio de Janeiro e as Federações do Comércio Varejista e Atacadista interplearam judicialmente o prefeito da cidade e o secretário das Finanças da Prefeitura para que justificassem o desvio de verbas pertencentes à Sursan. Alegam os interpleantes, e a própria Sursan os apóia, que a Prefeitura deve à autarquia 1 bilhão e 95 milhões correspondentes à quota de 1958, que foi de 1 bilhão e 895, e mais 450 milhões relativos à quota de 1959, que atingiu 1 bilhão e 867 milhões. O total da dívida seria, portanto, de 1 bilhão e 545 milhões.

Já a Prefeitura pensa de modo diferente em relação ao problema. Alega que a Sursan só começou a funcionar no segundo semestre de 1958, logo não necessitaria de receber a cota relativa ao primeiro semestre, porque nesse período não assumira nenhum compromisso financeiro decorrente de contratação de obras.

Quando ao ano de 1959, não há nenhuma divergência. A Sursan recebeu 1 bilhão e 400 milhões, sendo credora de 450 milhões.

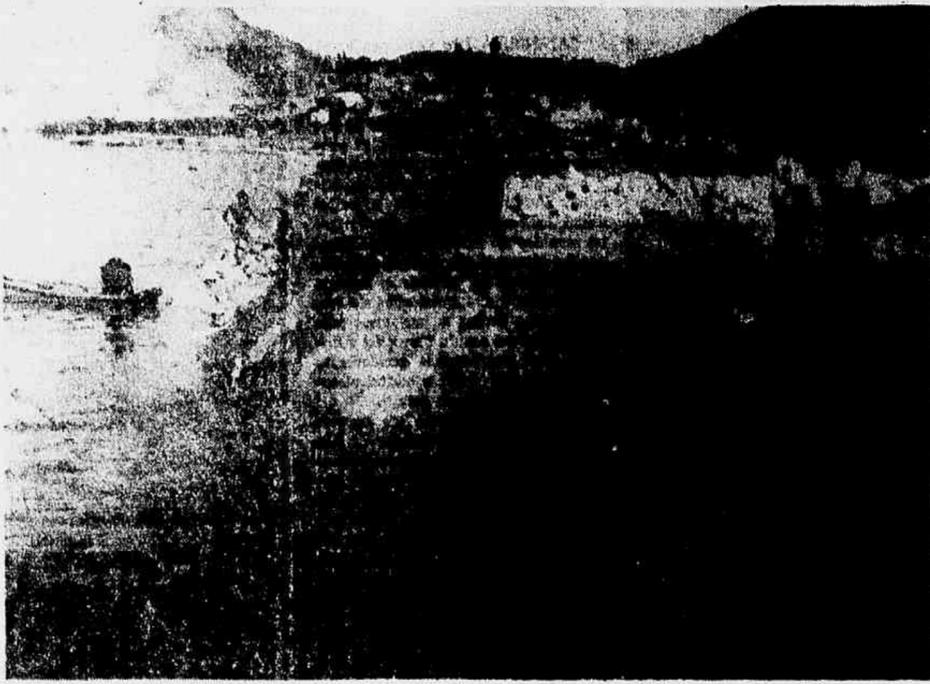
Resumindo este jogo de cifras, constata-se que a Sursan recebeu da Prefeitura nos anos de 58-59 a respeitável soma de 2 bilhões e 200 milhões.

Bilhões e negociatas

Não se pretende aqui defender o calote da Prefeitura à Sursan. Por força da lei 899 o Executivo deve entregar à autarquia o que lhe cabe, cumprindo rigorosamente a referida lei, pouco interessando no caso as dificuldades da Prefeitura com o incontinente aumento de sua despesa com o pessoal.

Mas, é necessário que esta super-prefeitura, a Sursan, dê contas ao povo do dinheiro saído do bolso do próprio povo. E ninguém pode se deixar impressionar com escapatórias e desculpas, como a de que a Municipalidade não lhe entregou todo o dinheiro que devia. Se a Sursan não tem funcionado bem, isto se deve a que seus bilhões são desviados para as negociatas, beneficiando mais os grandes empreiteiros que a Cidade, enriquecendo estes com o dinheiro da população, que a cada dia é mais prejudicada. É preciso também que a Sursan seja mais humilde e menos suntuosa com seus automóveis caríssimos e régias gratificações. Violando a lei 899, mantêm uma despesa com o pessoal de 91 milhões, sem ter explicado até agora que tipo de serviços fazem esses funcionários, e se são realmente necessários.

Quando às negociatas, pode-se citar um caso bastante eloquente o escândalo do desmonte do Morro de Santo Antonio. Como se sabe, no ano passado foi instalada uma Comissão de Inquérito para apurar o desfalque de que era acusado o engenheiro Luiz Onofre Pinheiro Guedes. Segundo, a denúncia do Eng. Raposo, da Sursan, o sr. Guedes falsificou faturas no valor de Cr\$ 31 milhões, quando era Superintendente do Desmonte do Morro de Santo Antonio. Os trabalhos da Comissão se desenvolveram num clima agitado, registrando-se até mesmo luta corporal entre as partes uma vez que o sr. Pinheiro Guedes era ilustre protegido do Secretário-Geral do Prefeito, Alvaro Americano, e de Dom Helder Câmara. Comprovada a denúncia, o



Carregando o dinheiro da Sursan

engenheiro foi afastado do cargo. Como recompensa, porém, foi requisitado para a Presidência da República, por influência de Dom Helder. Mas, os Cr\$ 31 milhões ficaram para sempre com os homens do «negócio do desmonte».

Oneroso para o povo, rendoso aos empreiteiros

Foi sem conta o número de irregularidades e negociatas realizadas no rendoso negócio do desmonte, que então vieram à tona. Por esta época, o vereador Edgard de Carvalho enviou ao presidente da Sursan um pedido de informações, constando de 15 perguntas, que eram, ao mesmo tempo, sérias denúncias de desvio de verbas nas obras do morro.

Os caminhões que trabalharam no transporte de terra do morro de Santo Antonio para o atêrro da Guanabara, ganharam verdadeiras fortunas para os empreiteiros. A Sursan pagou para o desmonte quantia suficiente para derrubar todos os morros do Rio de Janeiro.

Antes de tudo, o processo mecânico empregado, de escavação e transporte por caminhões, é oneroso e obsoleto. Embora tivesse havido proposta no sentido de utilizar o processo hidráulico: jatos d'água e tubos elevados para transportar a terra até a orla marítima, processo esse mais barato, tecnicamente melhor e mais rápido, a proposta foi recusada, uma vez que o objetivo era tornar as obras do desmonte uma fonte de polpudas rendas para os grandes empreiteiros, que, além do mais, não precisavam fazer grandes inversões de capital.

Terra vale ouro

Além dos diversos artifícios utilizados durante as concorrências, para facilitar a roubalheira, há outros bastante evidentes e que causam espanto a qualquer um. Por exemplo, o pagamento do volume de enrocamento e de escavação é feito exclusivamente com base na capacidade de carga de veículos de transporte, que aumenta os volumes reais em mais de 50% e enriquece os empreiteiros às custas do povo. A medição é feita por caminhões em vez de medições topográficas previstas em edital de concorrência, o que impede racionalizar técnica e economicamente o problema do desmonte. No que diz respeito ao transporte de cami-

nhões, o Superintendente, sr. Pinheiro Guedes, teve o descaramento de ir à televisão demonstrar ser este o melhor sistema.

Embora o Morro de Santo Antonio tivesse quase que exclusivamente terra, o sr. Pinheiro Guedes pagava escavação de terra como se fosse pedra, rocha. Tal é o caso das firmas Batan e Dias & Paz, as únicas empreiteiras atuais do desmonte que, tendo contratos onde é previsto o preço de Cr\$ 38,00 por m³ para o desmonte de terra, conseguem receber cerca de Cr\$ 65,00 por metro cúbico para esse mesmo desmonte, embora não tenham cavado pedra, mas apenas terra.

No que diz respeito a essas grandes firmas, as grandes protegidas do Superintendente, perguntava ainda o vereador Edgard de Carvalho qual foi a concorrência que deu origem ao contrato em vigor da firma Dias & Paz. E mais ainda, em 1956 uma firma, justamente a protegida, foi deliberadamente liquidada e seus serviços transferidos para outra firma que se estabeleceu no mesmo endereço da primeira e continuou a receber a mais fervorosa atenção do Superintendente. A tática do sr. Pinheiro Guedes era entregar a proponentes que haviam perdido concorrências, contratos gratuitos. Acontece que somente determinado grupo se beneficiava desse sistema.

Dicionário

Serviços

Dá-se geralmente o nome de «serviço» a toda atividade ou função socialmente útil e remunerada que não se traduz diretamente na produção de mercadorias. Incluem-se nessa categoria os transportes, o funcionamento do aparelho de Estado, a instrução, etc. No balanço de pagamentos com o exterior, elaborado pela SUMOC, o «item» dos serviços inclui os fretes pagos pelo transporte das mercadorias e os respectivos seguros, bem como os chamados «serviços de capital», ou seja, os juros e lucros pagos por investimentos estrangeiros no país, ou recebidos por investimentos do país no estrangeiro, e ainda os pagamentos a título de «royalty», de aluguel de patentes, de comissões para intermediários de negócios, de aluguel de filmes, etc.; inclui também a receita e as despesas com turismo, embora classificar tais pagamentos como serviços seja ainda mais discutível do que dar esta classificação aos juros e lucros de capital.

«Royalty»

Nos países capitalistas, chama-se «royalty» a todo pagamento feito a título de compensação pelo uso de uma patente, de uma máquina, ou de qualquer outro tipo de propriedade, e geralmente toma a forma de uma percentagem sobre o valor das vendas da empresa que faz uso da propriedade. No Brasil, os pagamentos de «royalties», servem para encobrir uma parte das remessas de lucros das empresas estrangeiras, que pagam a si mesmas — ou seja, as filiais às matrizes — uma taxa elevada de «royalty»; em outros países, no Oriente Médio e na Venezuela, por exemplo, este nome é mais conhecido como designando a parte retida pelo país dos lucros das empresas estrangeiras que exploram o seu petróleo, ou outros recursos naturais.

Concurso da

Rádio Moscou

A Rádio Moscou transmite, diariamente para o Brasil, de 19 às 21 horas (hora do Rio de Janeiro), na faixa de 25 metros, nas frequências e comprimentos de ondas de

11,75 megacíclos (25,53 metros)
11,87 megacíclos (25,27 metros)
11,92 megacíclos (25,17 metros)

e na faixa de 81 metros, nas frequências e comprimentos de ondas de

9,63 megacíclos (31,15 metros)
9,80 megacíclos (30,61 metros)

CONCURSO

Todas as quartas-feiras, de 20,30 horas, é transmitido um programa especial (Rádio Universidade), com interessante concurso e distribuição de prêmios.

Nota Econômica

Ajuda Americana ao Exterior: Canhões

A Comissão de Relações Exteriores do Senado norte-americano aprovou há poucos dias o que, na linguagem oficial yanque, é chamado «crédito para custeio à ajuda ao exterior». Este ano, a quantia destinada por aquela Comissão a tal ajuda é de 4.038 milhões de dólares. Embora um pouco inferior à soma pedida pelo presidente Eisenhower, na mensagem do Poder Executivo, é esta uma soma considerável de dinheiro, para um programa anual de ajuda ao exterior. Se fosse convenientemente empregada, não resta dúvida de que dela poderia resultar um grande impulso no desenvolvimento econômico de muitos dos países ditos «subdesenvolvidos».

Contudo, o exame detalhado das diversas destinações específicas daquela verba global mostra que o desenvolvimento da economia dos países pobres da Ásia, da África e da América Latina está longe de ser a preocupação dos governantes e legisladores norte-americanos. Dos quatro bilhões de dólares, 2,7 bilhões, ou seja, 65% são declaradamente destinados a financiar a venda de armas e outros pertences militares aos países que têm a «ventura» de estar politicamente dominados pelo Departamento de Estado; trata-se, portanto, de um expediente visando a defender os lucros da indústria armamentista norte-americana e a permitir o prosseguimento da política de guerra-fria do Departamento de Estado, e não da aplicação de uma política de ajuda aos povos que querem livrar-se da fome e da miséria e carecem dos meios de produção necessários para isso.

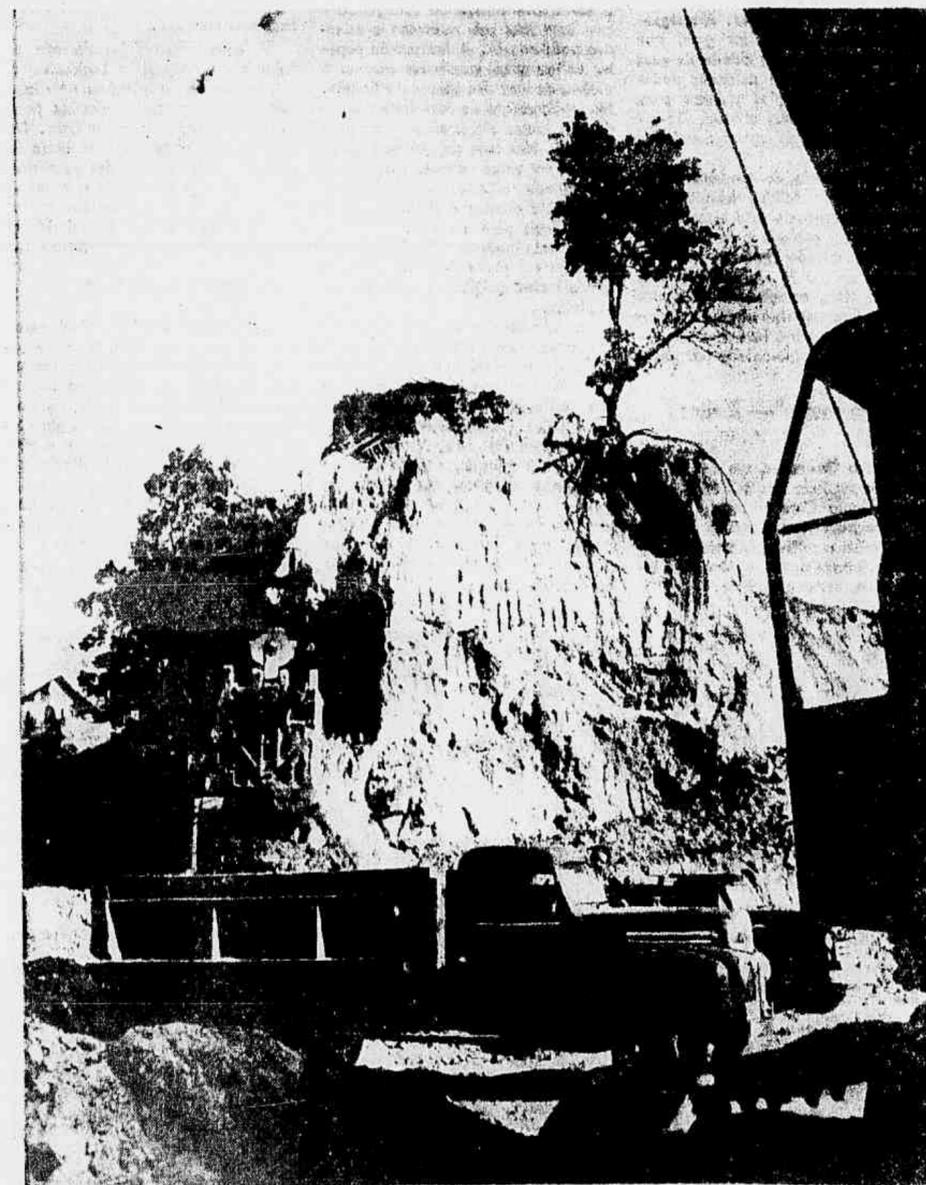
Os outros 35% da verba são repartidos entre diversos «itens», mas apenas 26% são formalmente destinados a créditos com objetivos de assistência técnica ou econômica; pode-se presumir que os restantes 9% destinam-se também, de uma forma ou de outra, a objetivos militares e políticos.

continua sendo, predominantemente, a política de facilitar a venda de canhões e a compra de posições militares no estrangeiro.

Deve-se ressaltar ainda que, mesmo aqueles 26% supostamente destinados à ajuda econômica não devem ser religiosamente tomados como tal. Servem para financiar a venda de excedentes agrícolas e nós, no Brasil, temos uma particular experiência dos efeitos benéficos dessa «ajuda» aos países subdesenvolvidos, quando vemos a nossa trilhicultura condenada à estagnação ou à morte pela política de compra forçada de excedentes de trigo norte-americanos. Servem para financiar a venda de automóveis e outros artigos de luxo, servem para ajudar empresas norte-americanas no exterior (vejam-se os créditos do Eximbank e do BIRD & Light e o Bond and Share), mas nunca servem — e há lei que os proíbe expressamente — para financiar os grandes investimentos estatais, de que os países subdesenvolvidos são obrigados a lançar mão para dar partida ao seu desenvolvimento industrial, uma vez que nem sequer há nelas uma burguesia nacional em condições de fazer tais investimentos.

Não é de se estranhar, por isso, que a política de ajuda de novo tipo inaugurada pela União Soviética continue a alcançar crescentes êxitos, inclusive nas «barbas» dos Estados Unidos — na América Latina. O grande economista Oskar Lange palestrando outro dia, durante sua passagem por esta Capital, com um grupo de marxistas, narrou um episódio de sua passagem pela Índia que ilustra de forma muito feliz esta inferioridade dos Estados Unidos na competição pacífica pela ajuda aos subdesenvolvidos, para a qual foram desafiados pela URSS. A coisa lhe foi contada por um governante indiano e tem como personagem um diplomata norte-americano. Perguntava este, muito queixoso, por que razão a ajuda soviética à Índia, muito inferior em número de dólares à norte-americana, era cem vezes mais apreciada e cantada do que esta pela imprensa, pelos parlamentares e por todo o mundo na Índia. Ao que o governante indiano em questão respondeu simplesmente: «A razão está em que a ajuda soviética vai efetivamente para os setores fundamentais e decisivos de nosso desenvolvimento econômico, enquanto a dos senhores... e mais não precisou dizer».

Renato Arend



Morro e dinheiro desapareceram

Para quem pergunta onde está o dinheiro da Sursan, o desmonte do morro de Santo Antonio é um começo de resposta. Foi um grande negócio para os empreiteiros e chegou mesmo a criar um caso no qual esteve envolvido um dos engenheiros da autarquia. Ele hoje quase que desapareceu totalmente; o mesmo destino tiveram os bilhões da Sursan.

O Plano de Lênin Para a Edificação do Comunismo

Prof. A. ZVORYKIN,
Doutor em Ciências Econômicas



Publicou-se em Nova Iorque há mais de quarenta anos, um livro com o curioso título de *Agonia da Rússia* (R. Willton, *Russia's Agony*, N. Y. 1919, 335 págs.). Seu autor, um tal Robert Willton, afirmava em tom que não admira réplica: «O bolchevismo é incapaz de criar; ao contrário, só sabe destruir [...]». A continuação do regime soviético é, do ponto-de-vista econômico, impossível, e, do ponto-de-vista político, um absurdo.»

Difícil seria enumerar todas as fracassadas previsões a respeito do inevitável fracasso do bolchevismo. Se a juntássemos, poderiam formar a volumosa biblioteca, monumento original à assombrosa estultícia de seus autores.

Os comunistas não se deixaram assustar, porém, pelos maus agouros, pelas ameaças ou sequer pela força armada de seus inimigos, sentindo-se, a todo momento, animados e impulsionados pelo grande vigor do otimismo leninista, que se firma em profunda previsão científica, na fé apaixonada e nas energias criadoras do povo libertado. Quatro meses após haver triunfado na Rússia a revolução socialista, em dias difíceis para o Estado soviético, V. I. Lênin pronunciou estas inspiradas palavras: «Temos os recursos necessários — em riquezas naturais, em reservas humanas e no magnífico impulso dado pela Grande Revolução à força criadora do povo — para criar uma Rússia verdadeiramente vigorosa e opulenta.»

E a predição se cumpriu! Em pouco mais de quarenta anos criou-se, sobre as ruínas do antigo império dos czares, uma potência de vanguarda, cujas realizações em todas as esferas da atividade econômica, social e cultural causam hoje assombro e admiração em todos os países do mundo.

Orientando-se pelas indicações de Lênin acerca da necessidade de industrializar a economia do país, coletivizar a agricultura e empreender a revolução cultural, nosso povo criou durante anos de poder soviético, a base material e técnica do socialismo e edificou a sociedade socialista, primeira fase do comunismo. A União Soviética é uma grande potência industrial com uma agricultura altamente desenvolvida, ocupando, pelo volume da produção industrial, o primeiro lugar na Europa e o segundo no mundo.

Não se trata, porém, senão do começo. Ressaltando a unidade entre os processos do desenvolvimento histórico e a inevitabilidade da passagem do socialismo ao comunismo, V. I. Lênin afirmou: «A partir do capitalismo, a humanidade só pode passar diretamente ao socialismo, isto é, à posse em comum dos meios de produção e à distribuição dos produtos de acordo com o trabalho de cada um. Nosso Partido olha mais longe: o socialismo irá pouco a pouco e inevitavelmente convertendo-se em comunismo, em cuja bandeira está escrito: De cada um segundo sua capacidade e a cada qual de acordo com suas necessidades.»

Já começamos, hoje, a dar este passo. O povo soviético empreende a edificação do comunismo em toda a frente.

O objetivo principal do período de transição do socialismo ao comunismo é criar a base material e técnica deste, é um novo ascenso das forças produtivas socialistas, o que permitirá conseguir uma produtividade do trabalho sem precedentes, sem o que não se conse-

guirá a abundância de bens materiais indispensáveis, como ressaltava V. I. Lênin, «para assegurar o plano bem-estar e o livre desenvolvimento universal de todos os membros da sociedade», isto é, não é possível passar ao comunismo.

A construção da base material e técnica do comunismo é, por sua vez, importantíssima condição para eliminar as diferenças essenciais entre o trabalho intelectual e o trabalho físico e entre a cidade e o campo, assim como para realizar outras transformações qualitativas profundas na vida da sociedade soviética.

O triunfo na emulação econômica pacífica com o capitalismo depende do ritmo da construção da base material e técnica do comunismo.

Lênin definiu em sua célebre fórmula «O comunismo é o poder soviético mais a eletrificação de todo o país» a essência da base material e técnica do comunismo. Lênin entendia por eletrificação não só a construção de usinas elétricas como também a estruturação de toda a economia nacional sobre uma base técnica qualitativamente nova e altamente desenvolvida.

Quais são as características mais importantes da base material e técnica do comunismo? Em primeiro lugar a eletrificação, automatização e quimificação de todos os ramos da produção e a ampla utilização de novos tipos de energia inclusive a atômica de novas materiais principalmente os sintéticos e de metais leves assim como o emprego na produção das últimas realizações da tele-mecânica, da eletrônica e da radio-técnica. Um nível mais elevado de concentração e de especialização será o traço distintivo da produção no comunismo. A tecnologia e a organização do trabalho assinalarão novos progressos.

Justamente esta base econômica permitirá à sociedade passar do princípio socialista de distribuição de acordo com o trabalho ao princípio comunista de distribuição segundo as necessidades.

Cabe exercer importante papel para se alcançar este objetivo ao plano setenal de fomento da economia da URSS, passo decisivo na criação da base material e técnica do comunismo e a mais brilhante expressão da linha geral leninista do Partido na etapa atual de construção do comunismo na União Soviética.

O plano setenal soviético prevê um grande aumento da produção e um rápido progresso técnico, e estipula que em 1965, em comparação com 1958, a produção total da indústria aumentará cerca de 80% (a fabricação de meios de produção de 85 a 88% e a de artigos de uso e consumo de 62 a 65%).

O cumprimento das tarefas estabelecidas pelo plano setenal colocará os países do campo socialista com mais da metade da produção industrial de todo o mundo.

Na criação da base material e técnica do comunismo na URSS ocupa o lugar de vanguarda a eletrificação de todo o país, base do progresso técnico em todos os setores da economia nacional. De ano a ano aumentará a produção de energia elétrica. Só de 1950 a 1958 esse aumento foi de mais de 3,5 vezes. A geração de energia elétrica duplicará durante o setênio e superará mais de três vezes o nível alcançado em 1958 pela Inglaterra e França em conjunto.

Atualmente funcionam na URSS centrais atômico-elétricas e outras novas estações em construção; foi lançado à água o «Lênin», primeiro quebragelos atômico do mundo; construiu-se o sincrotrão mais poderoso do mundo; as pesquisas técnicas e científicas se aproximam da solução do problema do controle dos processos termonucleares e da utilização de novas fontes de energia: o calor da Terra, a energia das marés e a energia irradiada pelo Sol. No entanto, nem por isso diminuirá de importância a função da eletricidade, que continuará sendo a base do progresso técnico.

A União Soviética marcha para mecanizar e automatizar todos os processos da produção, pois se trata de uma das condições primordiais para criar a base material e técnica do comunismo. Durante o setênio aumentará 2,5 — 2,6 vezes a fabricação de aparelhos de controle automático e começarão a funcionar 1.300 linhas automáticas, serão construídas não menos de 50 empresas experimentais e se utilizará a mecanização complexa de todos os ramos da indústria e da agricultura.

Atribui-se grande importância à química industrial. A produção de equipamento para a indústria química aumentará 3,2 — 3,4 vezes de 1959 a 1965. Serão organizados mais de 140 grandes empresas de produtos químicos e serão ampliadas mais de 130 fábricas do gênero. As fibras sintéticas terão a mais ampla aplicação na indústria e na vida diária. A URSS produzirá em

1965 tantas fibras sintéticas e artificiais que poderão substituir a fibra natural obtida de 380.000 hectares de terras irrigadas e a lã produzida por 105 milhões de ovelhas.

A especialização e a cooperação, — as formas mais progressistas e econômicas de organizar a produção, — terão o mais amplo desenvolvimento durante o setênio.

As consequências econômicas e sociais da criação da base material e técnica do comunismo serão grandiosas, dado que se garantirá um progresso sem precedentes das forças produtivas e um aumento inaudito dos bens materiais e espirituais para todos os membros da sociedade. Modificar-se-ão radicalmente o conteúdo e o caráter do trabalho, que se tornarão autenticamente criadores. O florescimento da ciência e da técnica exercerá profunda influência sobre todos os aspectos da vida do homem.

O comunismo, com que durante milênios sonharam os oprimidos, em que pensaram e sobre que escreveram os grandes socialistas utópicos; o comunismo, que Marx, Engels e Lênin transformaram de utopia em ciência e cujas bases foram assentadas na União Soviética por Lênin, está sendo construído e será edificado, sob a direção do Partido de Lênin, por uma geração que já vive em nossos dias. Será um grande monumento ao gênio de Lênin, será a realização das ideias a que Lênin dedicou seu grande talento, todas as suas energias e toda a sua vida.

Teoria e Prática

A Organização de Brasília

Resposta ao leitor Sandoval Marques de Oliveira (Brasília)

Pergunta o leitor qual a orientação que prevaleceu na elaboração da lei que dispõe sobre a administração do futuro Distrito Federal. Há poucos dias, foi aprovado pela Câmara Federal o projeto relativo à organização de Brasília. Trata-se de um projeto elaborado na Comissão de Constituição e Justiça, de que foi relator o deputado Santiago Dantas, do PTB de Minas Gerais. Esse projeto foi apresentado como um substitutivo à proposição enviada à Câmara pelo Governo, através do ministro Armando Falcão. O projeto governamental chegava a tal extremo de reacionarismo que, por exemplo, não previa a criação de uma Câmara de Vereadores em Brasília, atribuindo ao Congresso Nacional o poder legislativo sobre a futura capital do país.

Embora eliminasse alguns excessos reacionários da proposição encaminhada ao Parlamento pelo ministro Falcão, o projeto do sr. Santiago Dantas é essencialmente antidemocrático, contrariando, na prática, alguns dos principais postulados do programa do Partido Trabalhista, ao qual é filiado e em nome do qual tem feito vários pronunciamentos o deputado mineiro.

O caráter antidemocrático desse projeto se revela particularmente nas limitações que opõe à participação do povo na vida política do futuro Distrito Federal. É o caso, antes de tudo, do Poder Legislativo de Brasília que, como disse o próprio autor do projeto em recente palestra com jornalistas, fica virtualmente «esterilizado». Essa «esterilização» resulta de uma série de dispositivos do projeto, como o que reduz a apenas quatro meses no ano o período de funcionamento da Câmara Municipal, sem direito a prorrogação; o que exige maioria absoluta de votos contrários para que sejam derrubados os vetos do Prefeito a projetos do legislativo municipal; o que impede os vereadores brasileiros de alterar a proposta orçamentária, aumentando-a; finalmente, o que estabelece que as eleições para a Câmara do Distrito Federal só se realizarão em outubro de 1962 — podendo esse intervalo de dois anos ser aproveitado para golpes ainda mais sérios contra os direitos democráticos da população de Brasília. Além dessas limitações, profundamente reacionárias, o projeto estatui que o prefeito de Brasília será nomeado pelo presidente da República, eliminando assim a autonomia da nova capital.

É evidente o sentido antidemocrático da proposição aprovada pela Câmara Federal. Alega-se que é necessário evitar «agitacões» políticas e «desmandos de vereadores». Não é difícil, porém, descobrir o verdadeiro sentido desses receios. O que teme, na verdade, é a pressão popular sobre os governantes. E quanto aos «desmandos», não só não é essa a maneira de evitá-los, como é incontestável também que desmandos muito mais graves e prejudiciais aos interesses do povo e da nação serão os cometidos por governos que se distanciam do povo, temendo a sua vigilância, para mais sensíveis se tornarem à pressão dos grupos econômicos, inclusive os trusts estrangeiros, e mais facilmente atenderem às suas exigências. Afinal, o que autoriza a considerar que será uma melhor solução para o povo entregar-se a capital do país a um prefeito nomeado e que não tem pela frente, fiscalizando os seus atos, uma Câmara de atuação efetiva e com poderes suficientemente amplos? Essa solução será a melhor, não para o povo, mas para os seus exploradores e os negociantes de toda espécie. Os desmandos que se verificam na atual Câmara do Distrito Federal (e não somente, nem principalmente nela) não podem ser sancionados com a negação dos direitos democráticos conquistados pelo povo, mas com alterações mais profundas da estrutura social e política, baseadas precisamente numa vasta e efetiva participação das massas populares.

Um Mundo Novo no Centro da Europa

Um povo começa a criar os recursos materiais e culturais para iniciar a edificação do comunismo. Após 15 anos do poder popular, a Tcheco-Eslováquia lança as bases para a construção da nova sociedade com a realização, no período de 1961-1965, do seu III Plano Quinquenal. Ele prevê um ritmo ainda maior de desenvolvimento da economia nacional e o reforçamento da industrialização do país. Erigir uma poderosa indústria química, incrementar a instalação de novas siderúrgicas e, no campo, aumentar a produção agrícola através do cultivo intensivo são os objetivos principais do novo plano.

A grandiosidade da tarefa na qual está empenhado todo o povo tcheco-eslovaco, acrescida pela crescente mecanização e automação da indústria, refletir-se-á profundamente no nível de vida dos trabalhadores. O consumo pessoal aumentará de 30% e o período de trabalho será reduzido a 42 horas por semana. A população receberá 480.000 novos apartamentos durante o quinquênio e o problema da habitação estará definitivamente resolvido em 1970.

No campo da assistência social, além do aumento cada vez maior do número de escolas, do incremento das atividades culturais e desportivo-recreativas, o governo dedicará especial atenção, durante a execução do plano, aos problemas da segurança no trabalho e da assistência médica. No que se refere ao segundo, está prevista para 1965 a existência de um médico para cada 3.750 pessoas e um aumento na rede de hospitais com o índice de 13,65 camas para cada 1.000 habitantes. Serão incrementadas também as pesquisas sobre o estado sanitário da população, os problemas principais do desenvolvimento da nova geração, etc.

História do Movimento Operário

(LEX)

Cresce o Proletariado na Velha Rússia

Nos quarenta anos transcorridos após a reforma camponesa de 1861, os efetivos da classe operária na Rússia Imperial mais do que triplicaram. Imediatamente antes da revolução de 1905-07 havia já no país cerca de três milhões de operários industriais. Lênin diz, com efeito, em nota à segunda edição (1908) de sua obra «O desenvolvimento do capitalismo na Rússia»:

«Totalizando todas essas cifras, — ele se refere aos dados que colheu em estatísticas oficiais, — encontramos para as 50 províncias da Rússia europeia, durante o período 1900-03: operários das fábricas e usinas, 1.261.571; minas e metalurgia, 477.025; estradas de ferro, 468.941. Total: 2.207.537. Para todo o Império da Rússia: operários das fábricas e usinas, 1.509.516; minas e metalurgia, 626.929; estradas de ferro, 655.929. Total: 2.792.374.»

Simultaneamente com o crescimento numérico do proletariado, foi aumentando o grau de sua concentração em grandes empresas. «Em 1903, — indica Lênin a respeito, na obra citada, — as grandes fábricas de mais de 100 operários constituíam, na Rússia europeia, 17% das fábricas e minas e concentravam 76,6% dos operários das fábricas e minas.» Em 1905, mais de uma terça parte do proletariado industrial do país trabalhava em empresas de mil e mais operários.

Embora se situasse como país capitalista atrasado em relação às potências do capitalismo na Europa e aos Estados Unidos, a Rússia ocupava então o primeiro lugar no mundo quanto à taxa de concentração da classe operária em grandes empresas.

Essa particularidade histórica importante do desenvolvimento do proletariado russo facilitava objetivamente a sua

organização e concorria para favorecer a formação de sua consciência de classe.

Eravam verdadeiramente monstruosas as condições da exploração e opressão que pesavam sobre os operários na velha Rússia tiranizada pelo absolutismo czarista. Nas sombrias fábricas e usinas dos senhores do capital, — um punhado de magnatas imperialistas franceses, ingleses, belgas, alemães, russos, — a jornada de trabalho se prolongava por 12, 13, 14 e mais horas. Os salários figuravam entre os mais baixos do mundo capitalista e eram, além disso, gravados pela sobrecarga dum nunca acabar de multas e descontos. A falta de um mínimo que fosse de legislação operária, o patrão se conduzia como verdadeiro dono dos trabalhadores. A estes não era reconhecido nenhum direito. Não dispoem, até os fins do século XIX, de sindicatos nem de outras organizações de defesa dos seus interesses, o proletariado russo utilizava espontaneamente a greve como único meio de auto-defesa e de resistência contra a insuportável voracidade patronal e a propalada das funcionários do czar. O movimento grevista, num ambiente social caracterizado pela completa ausência de liberdades democráticas, teve acentuado papel no processo de educação política das massas operárias da Rússia. Não era único aos proletários, em tais condições, serem

em si mesmos a imagem trágica dos povos de toda a grande Rússia, oprimidos e espoliados a um tempo pelo latifúndio e pelo imperialismo, pelo Estado monárquico-absolutista que a estes encarnavam. A inaudita complexidade do quadro de miséria e opressão social em que o capitalismo, já na sua etapa imperialista se expandia na Rússia, fazia do proletariado russo e das massas operárias das nacionalidades que gemiam sob o tacho czarista uma força de extraordinário potencial revolucionário.

Durante longos anos, entretanto, o movimento operário na Rússia desenvolveu-se de forma espontânea, desligado da ideologia do proletariado, — o marxismo, o socialismo científico.

É certo que desde muito cedo a intelectualidade russa, — as suas camadas democráticas e revolucionárias, — tomaram conhecimento da teoria marxista. Em 1869, surgiu a primeira tradução em russo, feita por Bakunin, do Manifesto do Partido Comunista. Em 1872, vinha à luz na língua russa o primeiro livro de «O Capital», em versão iniciada por G. Lopatin e terminada pelo populista liberal N. Danielson. Dez anos depois, em 1883, Jorge Valentínovich Plekhanov (1856-1918) rompe com o populismo e passa às posições do marxismo, fundando no exílio o primeiro grupo marxista russo.

denominado «Libertação do trabalho» e que teve destacado papel na difusão das ideias marxistas na Rússia. O populismo era um movimento de caráter ideológico pequeno-burguês, surgiu no país após a reforma de 1861 e que, falsamente, via no campesinato a força revolucionária principal da sociedade russa e, na comunidade rural, o germen e a base do socialismo. Intelectual de grande talento, Plekhanov, a frente do seu grupo marxista e baseando-se no estudo da realidade econômica e social da Rússia capitalista, iniciou a batalha teórica contra as utópicas concepções idealistas do populismo.

Assim começou a desenvolver-se o marxismo nas terras da Rússia, em fins do século passado. Durante vários anos esse desenvolvimento se processou a margem do movimento operário real, marchou, paralelamente a ele, por um caminho a parte.

O movimento operário na Rússia entra em nova etapa, superior, a partir de 1893, com a fundação em Petesburgo, da «União de luta pela libertação da classe operária», que reuniu obra de uns vinte círculos marxistas então existentes naquele grande centro industrial, capital do Império czarista. A «União» tinha como finalidade ligar-se estreitamente ao movimento operário e dirigilo, passar da propaganda do marxismo entre reduzido número de proletários avançados à agitação política revolucionária de massas no seio do proletariado como classe.

O triunfo da «União de luta» marcou o início do processo de fusão do socialismo com o movimento operário na Rússia. Seu fundador era um jovem intelectual marxista russo, modesto, combativo e cheio de talento, — Vladimir Ilich Lénin.

NOVOS RUMOS



Garôtas da Praça Vermelha

Tallin, na Estônia, projetou-se internacionalmente como a capital da moda na URSS, a Paris do País Soviético. Dois anos após entrar na competição com outras casas especializadas do país, os modelos criados pela equipe dirigida por Helga Maranik conquistaram definitivamente a aprovação das jovens soviéticas e, neste 1960, serão elas que irão ditar a moda para as garôtas da Praça Vermelha, de Leningrado e outras cidades.

O segredo do sucesso alcançado, inclusive em desfiles internacionais, está no fato de que os artistas e desenhistas que trabalham sob a chefia de Helga Maranik procuram combinar bem as exigências da moda com as tradições nacionais, usando em alguns casos, especialmente em roupa de criança, o padrão decorativo nacional. A casa edita uma revista especializada, figurinos, e realiza frequentemente desfiles de apresentação dos novos estilos criados, que despertam invulgar interesse. A cada estação, uma nova linha. A casa de Tallin realizou recentemente a mostra dos seus novos modelos de primavera e verão, alguns dos quais ilustram essa página, apresentando as Garôtas da Praça Vermelha.



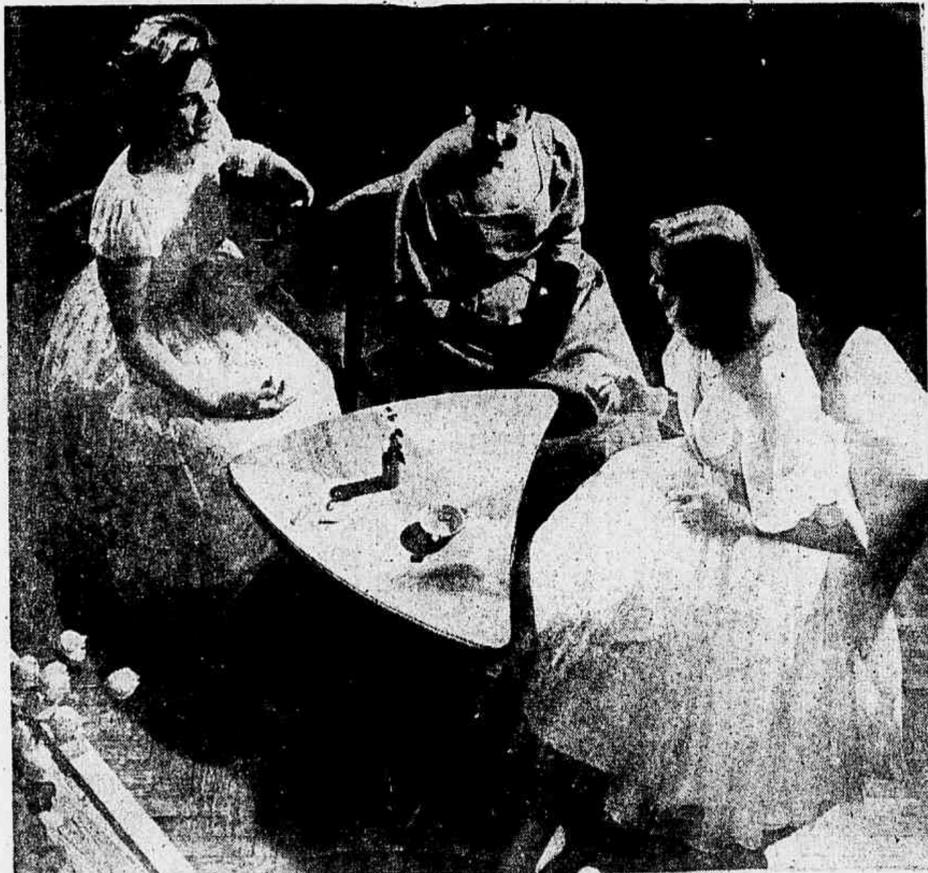
Caras bonitas mostram chapéus

Nadya, Valia e Nina, três palminhos de rosto compuseram a fotografia para apresentar três novos modelos de chapéus desenhados pelas artistas Eyee Aren e Dagmar Isok, complemento útil aos modelos de meia-estação apresentados pela Casa de Tallin. Os modelos foram apresentados em recente desfile realizado na capital soviética que obteve grande sucesso.

Primavera em Moscou

Os novos estampados em algodão, desenhados especialmente para os novos estilos criados pela equipe de Helga Maranik, dominarão a primavera de Moscou. Mativos os mais diversos, nas cores mais brilhantes e suaves, os novos tecidos foram transformados pelos costureiros da Casa de Tallin nos vestidos que farão mais encantadores os brotos de Moscou, de Leningrado, de Kiev. Nos novos figurinos apresentando as últimas criações da moda soviética para a próxima primavera, os novos padrões dos tecidos de algodão dominam inteiramente. Liuba (alto) enfeita com a sua graça um dos estilos criados por Helga Maranik, para serem usados nas tardes esportivas pelas garôtas de Moscou. Para aqueles que preferem as exposições ou as vespertais do ballet no Teatro Bolshoi ou então a nova peça apresentada pelo Teatro Malik, os desenhistas de Tallin criaram em algodão o modelo usado por Katya (em baixo) para o seu domingo no teatro. Uma grande gola dá originalidade ao modelo, complementado pelo gracioso conjunto chapéu, luvas e sapato. O modelo é da nova linha em algodão desenhada especialmente para a temporada de 1960, e que já obteve numerosos prêmios em apresentações realizadas na União Soviética e outros países.

Os trajes da linha de primavera, da qual são os dois modelos acima apresentados, estão sendo confeccionados em grande escala, já que obtiveram a mais entusiástica acolhida das jovens moscovitas e de outras cidades da URSS. Eles serão apresentados também em desfiles internacionais de modelos que se realizarão nos grandes centros da Europa Oriental e Ocidental, onde a casa de modas de Helga Maranik granjeia de merecido prestígio.



Noites de Moscou

Para as noites de Moscou, a apresentação de um novo filme, o jantar no restaurante do Hotel Ucrânia ou o baile na Universidade, os modelistas de Tallin criaram os estilos que são apresentados na foto pelas garôtas de Moscou. O organdi, a organza com o branco dominando para os brotos, e a sêda em estilos mais adultos para a mulher de trinta anos.



Brotos e luzes

Elas chamavam a atenção à primeira vista. A beleza aliada ao bom gosto dos modelos que vestiam, atraíram o fotógrafo, que aproveitou as luzes do saguão do museu e compôs o quadro.